

REVISTA EDIÇÃO Nº 105 | MARÇO DE 2024

CONEXÃO LITERATURA

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

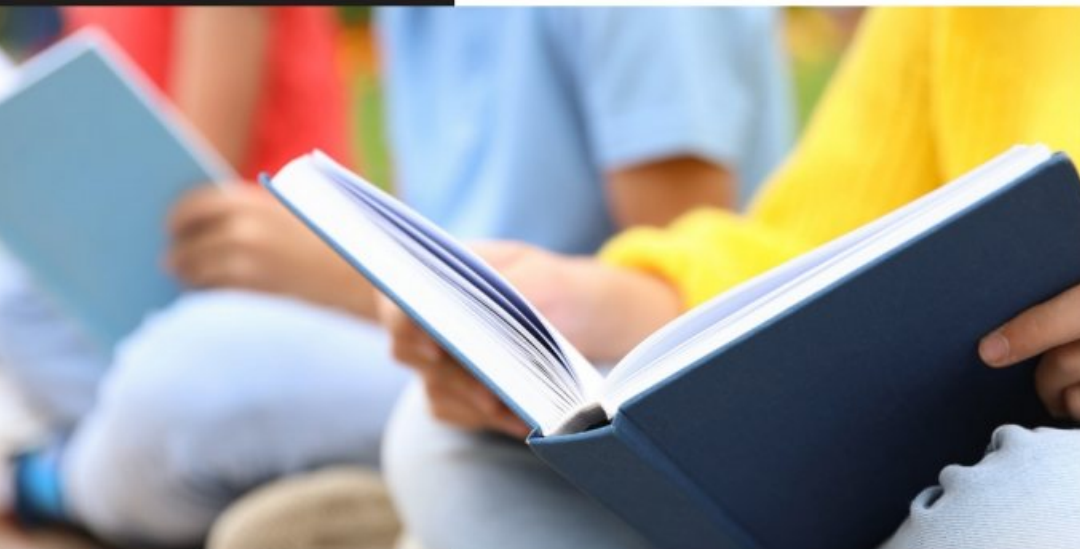
EM PROL DO

Incentivo à Leitura

CONFIRA DICAS PARA LEITURA, DICAS PARA
PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS E MUITO MAIS...



Expediente,	pág. 03
Editorial, por Ademir Pascale,	pág. 04
Vícios de fala, por Bert Jr.,	pág. 06
Terra, paixão e arquétipos literários, por Clarissa Machado,	pág. 10
Poema: Língua, por Bert Jr.,	pág. 17
Carta as poderosas, por Rosamares da Maia,	pág. 22
Poema: Pelo dia 08 de março, por Sellma Luanny,	pág. 25
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa,	pág. 27
Dicas para leitura,	pág. 35
Grito silenciado, por Pierre Richard Gerisma,	pág. 36
Poema: Comunidade, por Mirian Menezes de Oliveira,	pág. 40
Poema: Laços etéreos, por Daniela Bloc,	pág. 42
A crônica dos pesares, por Nathalia Calçada,	pág. 43
Poema: O despertar cinzento, por Fernando Schwartzaupt Noroefé,	pág. 45
Eu gosto da vista daqui, por Elidiomar Ribeiro da Silva,	pág. 47
A fada verde, por Gilmar Duarte Rocha,	pág. 48
Entrevista com Adriana C. A Figueiredo,	pág. 52
Entrevista com Fernando Carvalho,	pág. 58
Entrevista com Fernando Sypriani,	pág. 62
Entrevista com Antoine de Bourj Hammoud, autor do livro Angeli In Terrenis Processionibus,	pág. 65
Citações de grandes autores,	pág. 70
Conto: Um relato do meu avô, por Roberto Schima,	pág. 75
Conto: A partida de futebol, por Luciana Simon de Paula Leite,	pág. 82
Conto: Carregando o fardo, por Idicampos,	pág. 87
Conto: A terra que não devem ir, por Ney Alencar,	pág. 92
Conto: Aqueles olhos, por Iraci J. Marin,	pág. 98
Conto: Ao acaso, por Míriam Santiago,	pág. 102
Conto: E aí?, por Mónica Palacios,	pág. 107
Conto: Passos para o cosmos - Parte V, por Sellma Luanny,	pág. 109
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura,	pág. 121



NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura**Entrevistas**Artigos**Poemas e Contos*

RUTH ROCHA

“Sem livros,
difícilmente se
aprende a gostar de
ler.”

VOLTAIRE

“A leitura engrandece
a alma.”

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademir@divulgalivros.orgElenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.comCONHEÇA O NOSSO SITE: www.revistaconexaoliteratura.com.br

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura® é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kitCONTATO:  ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a)!

Chegamos em nossa edição de nº 105 apresentando um vasto conteúdo de incentivo à leitura, tanto apresentando novos escritores com nossas entrevistas, como com textos de autores diversificados. Confira nas próximas páginas.

O leitor também poderá conferir diversos poemas, dicas de livros, contos e muito mais...

Para saber como participar da nossa edição de abril/2024: **clique aqui**.

Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

EDITOR



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

O JOGO DO AMOR

CONTOS E POEMAS



E-BOOK

O JOGO DO **AMOR**

*Ademir Pascale
Organizador*

saiba mais: clique aqui

VÍCIOS DE FALA POR BERT JR.



O que seria das religiões se não houvesse pecadores? Nessa mesma linha de raciocínio, poderíamos indagar: o que seria da gramática se não existissem vícios de linguagem? Conclui-se, daí, que a graça das coisas está na imperfeição: é ela que sustenta a nossa noção de sentido de vida, levando-nos à perene busca pelo aprimoramento de nossas faculdades cognitivas, emocionais, espirituais e práticas, onde se inserem as capacidades de comunicação.

Às vezes, porém, a insistência no erro vira regra geral, e aí temos o que se pode chamar de “consagração do erro”. A consagração do erro constitui um problema, porque nos afasta do esforço pelo crescimento pessoal, enfraquecendo a noção de sentido de vida. Se tanto faz, por que então fazer, não é verdade? A lógica do “tanto faz” encontra terreno farto na sociedade de massas, aliada a um princípio de ordem pragmática: a escolha do mais fácil – que geralmente representa o menos elaborado, o mais econômico, e o que mais vende.

Sou daqueles que ainda acreditam que a qualidade não precisa ser, necessariamente, um sonho, ou um luxo a que poucos têm acesso. Muitas vezes, ela está ao nosso alcance, mas não nos damos conta, por causa do hábito de escolher o mais fácil. Assim ocorre no campo da linguagem. Pleonasmos, incongruências, contrassensos, aparecem de modo insistente na fala, tornando-se verdadeiros vícios. No entanto, com atenção, alguma dose de raciocínio lógico e força de vontade, podemos livrar-nos de vários deles. Se não conseguimos nos livrar de todos, eliminemos os mais dolorosos.

Um dos vícios de fala que mais tem assombrado o meio jornalístico é a famigerada “vítima fatal”. Os que acreditam nos dicionários sabem que fatal é algo capaz de provocar a morte, um instrumento de fatalidade: um golpe fatal, um disparo fatal, um acidente fatal. A vítima, justamente por estar na posição de vítima, é quem sofre a fatalidade, seja ela provocada por golpe, disparo, acidente, o que quer que seja fatal. Uma vítima fatal é, por definição, um contrassenso. Contudo, façamos um esforço para detectar contextos em que a expressão “vítima fatal” poderia ter algum sentido.

- Uma pessoa que se atira de um edifício e cai sobre um transeunte. Nesse caso, teríamos duas vítimas: a fatal e a não fatal, ambas mortas.
- Uma mulher sedutora, assassinada pelo marido enciumado. Nesse caso, teríamos uma “mulher fatal” como vítima; consequentemente, poderíamos, não sem certo grau de ironia, concluir tratar-se de uma vítima fatal.
- Alguém que tira a própria vida. Talvez, nos casos de suicídio, fosse aceitável classificar a vítima de fatal, já que foi ela quem cuidou da própria morte.

Como não vejo outras hipóteses possíveis (quem souber de alguma, me avise), só resta apelar ao bom-senso dos jornalistas para que evitem chamar de fatais as vítimas de catástrofes naturais, atentados terroristas, latrocínios, balas perdidas, acidentes de trânsito, etc. Tachá-las de fatais, além de uma incongruência, significa um desrespeito à sua memória, pois sugere que as vítimas teriam tido alguma culpa na própria morte. E não vai adiantar substituir “fatal” por “mortal”, pois o erro será exatamente o mesmo. No caso, o

melhor é nadar contra a correnteza da moda linguística e evitar a equívoca expressão “vítimas fatais”, empregando, em vez disso, os termos clássicos: mortos, óbitos, decessos e baixas.

Passando aos pleonasmos, sem por isso abandonar os contrassensos, deparamos, imediatamente, com a pegajosa expressão “amigo pessoal”. A esta altura da vida, sigo acreditando que as amizades sejam, por definição, pessoais. Surpreendentemente, contudo, para um número cada vez maior de pessoas, a classificação de “amigo” não garante a pessoalidade da relação. Depreende-se, por força da lógica, que deva existir, então, um tipo de amigo que não seja pessoal. Tão certo como a matéria coexiste com a antimatéria, existirão amigos pessoais e amigos impessoais. Quem são esses amigos impessoais? Frequentam nossa casa sem que nos demos conta? Como identificá-los?

Diante de tais indagações, que decorrem da constatação de existirem amigos pessoais e não-pessoais, aqui denominados “impessoais”, proponho um exercício imaginativo para se chegar a alguma clareza sobre a questão fundamental: quem são, afinal, os amigos impessoais?

- Alguém que fala bem de você, ou lhe demonstra publicamente apreço, sem que você o(a) conheça pessoalmente, ou a(o) conheça de vista, ou de forma apenas superficial. Nesse caso, em vista da atitude amistosa da pessoa em questão, você poderia, com certo favor, considerá-la como uma amiga impessoal.
- Alguém que, num contencioso de qualquer ordem (ação judicial, debate público, briga de família), se alinha com os seus argumentos e defende as suas posições, mesmo sem conhecer você em pessoa, ou tendo tido um contato meramente superficial. Dado o apoio conferido à sua “causa”, em base a uma afinidade de visões e valores, você poderia, não de forma desinteressada, considerar esse alguém como um amigo impessoal.
- Uma Inteligência Artificial com quem você estabelece um fluxo de mensagens em via dupla. Nesse tipo de relacionamento, talvez se pudesse falar de uma amizade impessoal.
- Alguém que mantém uma relação virtual com você, mas se recusa a revelar-se inteiramente.

Nas hipóteses acima, o caráter impessoal das relações é nítido. O problema é que não se deveria, em tais situações, considerar o outro, com quem experimentamos uma simpatia à distância, como um amigo. Amigo, de fato, é quem se mantém presente em nossa vida, quem nos conhece e a quem conhecemos razoavelmente; alguém, portanto, com quem desfrutamos da intimidade provinda do exercício de um afeto recíproco. Alguém, ademais, que se expõe para e por nós. Por isso, na minha opinião, a expressão “amigo pessoal” encerra, ao mesmo tempo, um pleonismo e um contrassenso.

Contudo, em honra ao espírito da época, deixemos em paz os que gostam da expressão “amigo pessoal”. Eles devem ter lá suas razões para julgá-la válida.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Tem seis livros publicados: dois de contos, três de poesias e um de crônicas humorísticas. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura. Em 2024, irá lançar seu primeiro romance.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



MINIBIO AUTOR: Clarissa Xavier Machado, professora
graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em
Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa.



Terra, paixão e arquetipos literários

Por Clarissa Machado

Terra e Paixão (2023, TV Globo), telenovela escrita por Walcyr Carrasco e Thelma Guedes, narra a saga de uma professora, Aline Machado, que é, de acordo com a sinopse, “movida pelo desejo de justiça”. O interessante disto, é que a ideia de justiça já vem sinalizada pelo sobrenome da protagonista: Machado, um arquétipo literário muito utilizado em narrativas ancestrais. O tema dos arquétipos literários é principalmente abordado nas obras da inglesa Amy Maud Bodkin (Modelos Arquetípicos na Poesia, 1934), do canadense Northrop Frye (Anatomia da Crítica, 1957), do ucraniano Eleazar Moiseevich Meletinski (Os Arquétipos Literários, 1998) e do escocês Sir James George Fraser (Ramo de Ouro, 1890).

Segundo o Dicionário dos Símbolos Arquetípicos (Fausto Berg), o Machado simboliza força, poder e justiça, ideias que, talvez, tenham sido as responsáveis pelo uso do machado como um amuleto mágico nas tradições nórdicas e eslavas, o que é compreensível uma vez que era a arma de deuses poderosos como Thor e Perun. De acordo com a crença, usar um colar com pingente ou uma pulseira com a imagem de um machado protegeria contra doenças e forças do mal, inclusive o mau-olhado. Cabe ressaltar que no caso de Thor, sua arma original teria sido um machado - um machado de batalha gigantesco, posteriormente substituído pelo martelo. O Mjöltnir seria, na verdade, um martelo muito semelhante a um machado de duas lâminas, que em algumas versões, é designado de “machado-martelo” (axe-hammer). Conforme alguns mitólogos, a confusão deve-se ao fato de que na pré-história, o Mjöltnir era moldado no formato de machado. Para outros, a questão é que nos mitos escandinavos, *hammer* (martelo) é entendido como *axe* (machado) em virtude de sua semelhança. A fim de agradar a todos, no filme *Vingadores: Guerra infinita* (2018, Marvel Studios) Thor surge com uma nova arma: um *stormbreaker*, que nada mais é do que um machado-martelo. Heróis e os guerreiros como Teseu, por sua vez, também portavam, dentre outras armas, o machado. Há ainda muitas lendas sobre o hábito das Amazonas (guerreiras gregas e eslavas) andarem com machados junto a si.

Machados simples, leves e curtos, de combate corpo-a-corpo, carregados na cintura, em cintos, eram considerados um artefato muito prático e acessível, comumente denominados “machados de batalha”. Descobertas arqueológicas, com artigos em revistas conceituadas como a Revista *Antiquity*, apontam que a *causa-mortis* de guerreiros e guerreiras medievais era uma machadada na cabeça tal qual descrito em sagas. A partir de então, passou a ser objeto de estudo o tema acerca de por que os vikings e os eslavos utilizavam muito mais machados e não espadas em suas batalhas, mormente as marítimas. Outro detalhe é que o machado se fazia presente nos ritos funerários. Guerreiros de diferentes patentes e, igualmente as mulheres guerreiras vikings e eslavas eram enterradas com seus machados, razão pela qual em escavações arqueológicas machados são achados junto aos restos mortais como foi o caso de um machado encontrado no túmulo de Mammen em 1868 no norte da Jutlândia e que, atualmente, se encontra no Museu Nacional de Copenhague, Dinamarca. Se o machado fosse incrustado com pedras preciosas significava que o morto tinha uma posição de destaque na comunidade da qual era parte. Quanto mais elaborada a ornamentação, maior o *status*. Logo, o machado, assim como outras armas medievais, apontava para prestígio e poder. Outra razão para que o machado fosse um objeto tão festejado, e esta é bastante divertida, é que eles recebiam

nomes! Era tradição que os donos dos machados os batizassem com nomes de deuses ou figuras mitológicas como trolls e ogros. O caso mais conhecido é o do Rei Magnus Barelegs da Noruega, cujo machado foi nomeado de Hella (Hel ou Hell), em homenagem à filha de Loki, deusa do Reino dos Mortos.

A Mitologia e, mais recentemente, a Arqueomitologia demonstram que nos primórdios o símbolo da justiça não era o martelo e sim o machado, motivo pelo qual quando falamos dos deuses da justiça (justiceiros ou vingadores) o machado sempre está presente, sendo ele a ferramenta máxima da justiça desde os tempos mais remotos, pois representa seu triunfo (a vitória dos justos) e, para além disso, é considerado uma arma celeste já que foi utilizada pelos deuses Dionísio (Mitologia Grega), Thor (Mitologia Nórdica), Perun (Mitologia Eslava) e pelas deusas gregas Deméter (Demétria) e Ártemis (Diana). A relação “machado-deuses” aparece ainda de uma maneira inédita: foi com machado que Hefesto, deus grego do fogo, abriu a cabeça de Zeus para que Athena, a deusa da sabedoria, pudesse nascer. Todavia, não é apenas no mundo dos deuses que o machado se revela, mas também no de heróis justiceiros. Na nova versão da série *Zorro* (2024, Secuoya Studio), por exemplo, o defensor dos injustiçados surge portando espada e machado.

Interessante é que o *Machado da Justiça* foi uma imagem recorrentemente associada a divindades femininas especialmente da mitologia greco-romana como Gaia, Reia, Ártemis e Deméter, e que aparecia também em outras narrativas sagradas como as do Egito e da Índia. Segundo consta, nestes casos, o machado nunca era utilizado como arma de guerra pois, seria tão somente um instrumento de soberania, usado em rituais dedicados à deusa da terra e como cetro, geralmente de ouro, (insígnia de realeza, ostentado por autoridades reais, pois na época, o machado concentrava, segundo a tradição, as forças divinas ou dos atributos das deusas). Deméter e Ártemis aparecem em algumas versões portando um cetro com a imagem de um machado. Em *O Senhor dos Anéis* (1954, J.R.R. Tolkien), a conexão machado-linhagens nobres é preservada. O *Machado de Durin* pertence aos Durin, os “Barbas-Longas”, o povo dos anões mais importante cuja linhagem (Casa de Durin) era a maior e mais antiga das Sete Casas dos Anões, a descendência mais poderosa! O machado em questão é de propriedade do Rei Durin I, o Imortal, constando de seu emblema que estava descrito nos portões principais. Na obra, é mencionado que nenhum membro do clã Durin “lutou do lado do mal”, porque obviamente, o machado é arquétipo do que é justo, em última análise, do que é bom, lembrando em certa medida os arquétipos segundo Platão (de justiça, bondade e beleza). Como é de conhecimento público, Tolkien foi um grande estudioso da mitologia nórdica, por isso não surpreende que o machado tenha sido colocado em posição de tamanha proeminência, e como um objeto de disputa (ou desejo), ora visto como “herança perdida”, ora como tesouro.

Por falar em realeza, o machado tem particular valor para a Noruega, cujo segundo rei foi Érico Machado, o Érico I ou o Machado Sangrento, filho de Haroldo I, o Cabelo Belo, fundador do país. Esta história pode ser acompanhada na série de televisão *Vikings* (2013, History). Érico I, da Dinastia Cabelo Belo (uma das mais influentes da Era Viking), foi o segundo rei do país e reinou entre os anos 930 e 934. Ele também governou e reinou a Nortúmbria, um antigo reino anglo da Grã-Bretanha (século VII), e foi o Rei de Iorque entre os anos de 947 e 954. Foi ele que liderou a famosa expedição viking aos territórios eslavos em 920. Érico era o filho favorito (dentre mais de 20) do Rei Haroldo I

ou Haroldo Cabelo Belo ou Haroldo Belos-Cabelos, guerreiro viking especialista em temas navais, responsável pela unificação do território norueguês, fundador e primeiro rei do Reino da Noruega. Érico chegou a dividir o reinado com o pai por cerca de três anos antes de assumir totalmente o trono norueguês. Há pelo menos três poemas antigos dedicados a Érico: *Eiríksmál*, *Höfuðlausn* e *Heimskringla*. No caso de "Eiríksmál" - A Saga de Érico (não confundir com a de Érico, o Vermelho) temos a narração da vida do segundo rei da Noruega - considerado um príncipe-guerreiro determinado, aguerrido e com grande potencial de liderança - e como foi a sua chegada heroica a Asgard, ao Palácio de Valhala, onde, depois de seu declínio, foi recebido pelos deuses do panteão nórdico. Érico se casou com Gunilda, princesa da Dinamarca conhecida como a "princesa mágica", que teria aprendido sobre magia com feiticeiros finlandeses sendo capaz de criar tempestades e manipular venenos, razão pela qual foi chamada de "princesa bruxa", o que agradaria a Érico - que considerava que era alguém que estaria à sua altura. Isto era significativo na cultura escandinava, onde a mulher desfrutava de mais igualdade e liberdade no comparativo a outras sociedades de seu tempo, sendo bem comum que elas atuassem como guerreiras (ao exemplo das *skjaldmö*) como parece ter sido o caso de "Érika, a Vermelha" cujo esqueleto foi encontrado recentemente, ao lado de armas incluindo um machado, no cemitério viking de Solør, na Noruega.

Essa preferência pelo uso do machado ocorre em virtude de ele ser uma ferramenta versátil muito útil na vida cotidiana, é, afinal, uma "arma de mão" já que com ele era possível construir casas, móveis e embarcações. As embarcações eram de relevância e serventia nas culturas escandinavas e eslavas, por suas tradições náuticas e comércio marítimo. Os barcos de madeira vikings e eslavos, como *drakkar*s e *kahns*, eram grandes símbolos desses povos, e são bastante famosos até os dias de hoje, sendo, em parte, responsáveis pela consideração de uma possível parentela entre eles: seriam primos! *Viking* (2016, Channel 1 Russia), cujos idiomas falados são russo, norueguês e sueco, conta a história de Vladimir I, O Grande, grão-príncipe de Kiev, filho de Esvetoslau I, e de seus meio-irmãos. O filme, que foi baseado na Crônica de Nestor (1113) e na Saga dos Reis, apresenta as figuras do barco de madeira e do machado com, naturalmente, especial destaque. O fato é que, e talvez por esses motivos todos, é que sagas nórdicas e eslavas sejam repletas de cenas com machados, havendo muitas alusões poéticas e religiosas a eles, especialmente quando eram abençoados por uma divindade. Um bom exemplo disto está na saga islandesa do século XIII, a Egil Skallagrímson, atribuída a Sturluson Snorri onde é narrado que "*Kveldulf portava um grande machado de dupla lâmina na mão (...)* *Kveldulf e seu filho não pararam até que o navio estivesse completamente limpo. Quando Kveldulf voltou-se para o guarda-costas, ele empunhou o machado e acertou Hallvard através do elmo e da cabeça, afundando o lábris até o pescoço...*". Uma ambientação semelhante a esta com *drakkar*s e machados está presente em *American Gods* (2001, Neil Gaiman) acompanhada por uma menção a Érico, o Vermelho e a seu filho Leif Eriksson.

No que concerne ao machado duplo, o lábris, este é objeto de notável magnitude por ser mais do que um instrumento ou acessório: ele é um símbolo sagrado capaz de abençoar os santuários, as casas e os palácios, funcionando - de novo - como uma espécie de amuleto contra o mal. De acordo com pesquisas arqueológicas, a figura do machado é encontrada em representações Minoanas antigas da Deusa Mãe e seu simbolismo

guardava relação com o conceito de labirinto, palavra que significa Casa do Labrys ou Caminho do Labrys ou Caminho do Machado de Dois Gumes. José Ferreira, (Labirinto e Minotauro) assinala justamente que esse machado era chamado de labrys em Creta e que foi encontrado em grande quantidade no Palácio de Cnossos (Grécia). Segundo o autor, há uma possibilidade etimológica de a palavra labirinto derivar de *labrys* com o sufixo *nth*, pelo que foi encontrado em manuscritos pré-helênicos. À guisa de curiosidade, cumpre registrar que o labirinto constitui um arquétipo literário muito utilizado por autores consagrados como Lewis Carroll e Jorge Luís Borges.

O labirinto enquanto símbolo é bastante ancestral e recorrente nas tradições alquímicas, gnósticas e cabalísticas, mantendo uma relação com a busca pela pedra filosofal. Surpreendente é que "labrys" vincula-se ao símbolo do labirinto desde os tempos das cavernas e é mencionado em diversas narrativas concernentes às sociedades matriarcais. Convém notar ainda que a palavra "labrys" está diretamente associada à mesma raiz do termo latino *labus*, que significa lábios e que, por meio desta perspectiva, liga o machado de dois gumes (até por sua imagem em forma de borboleta) ao órgão sexual feminino, e além disso, pesquisadores afirmam que o desenho aberto da parte superior do machado duplo remete ao arco dos tubos uterinos que se encurva do útero em direção aos ovários. Logo, o machado estaria muito mais associado ao feminino, ao contrário do que a maior parte das pessoas imagina. Sob este prisma, conclui-se que o machado é uma arma celestial, que simboliza o triunfo da justiça e a luta pela liberdade, razão pela qual o lábris tem sido usado para simbolizar uma mulher que luta, principalmente por sua associação a Ártemis, a deusa que melhor representa o arquétipo da mulher selvagem (conforme trabalhado por Clarissa Pinkola Estés).

Por fim, quando em *Terra e Paixão* (2023, TV Globo), Aline Machado surge como a protagonista que luta por justiça e que tem especial amor à terra, tornando-se inclusive produtora rural; e mais do que isso, quando repetidas vezes é mencionado na trama "Aline Machado da Terra Vermelha" imediatamente somos remetidos a Deméter, divindade ligada à justiça e à terra, e que possui um cetro com labris. Deméter (Demetra, Demétria ou Ceres) é a deusa da terra cultivada, da agricultura, da colheita, da fartura, dos grãos, dos frutos e dos cereais, da fertilidade e da abundância; a descendente mais próxima da *Grande-Mãe-Terra* (Gaia, divindade primordial), por isso era chamada de *Grande-Mãe-Da-Terra-Cultivada*, e considerada a deusa mais generosa do Olimpo, pois além de ensinar os homens a cuidar da terra e das plantações, é dotada de forte instinto maternal: a fornecedora de alimentação e de nutrição espiritual. No caso de Aline Machado, é possível afirmar que ela encarna o arquétipo literário de Deméter, uma vez que conhecendo as versões do mito de Deméter, não é difícil chegar a tal conclusão: o nome Aline significa "de linhagem nobre" (e então lembramos de que Deméter é neta de Gaia); Aline tinha um filho mais velho, João, que foi sequestrado assim como a filha mais velha de Deméter, Perséfone; na horta do convento, Aline ensina a uma noviça (irmã Terezinha) a cuidar da terra e das plantações uma alusão a Deméter ensinando o mesmo aos mortais; e finalmente, Aline foi mãe de um casal gêmeos Clara e Francisco, o que também ocorreu com Deméter, que foi mãe do casal de gêmeos Despina e Árion.

Por todo o exposto, verifica-se que *Terra e Paixão* foi uma telenovela de grande valor literário por trazer para os dias atuais elementos mitológicos e arquétipos literários. Não é

à toa que a obra tem sido considerada um grande sucesso da teledramaturgia brasileira contemporânea.

Referências:

BARCELLOS, Gustavo. Mitologias arquetípicas: figurações divinas e configurações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

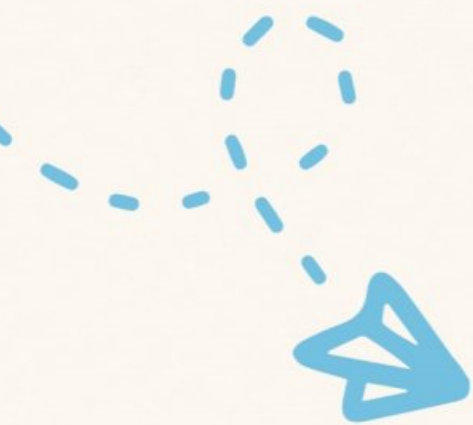
BERG, Fausto. Dicionário de símbolos arquetípicos: simbologia. Mossoró. RN: Projeto Arquétipos, 2018.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

FERREIRA, José R. Labirinto e Minotauro: Mito de Ontem e de Hoje. Coimbra, 2008.

MELETÍNSKI, Eleazar Moiseevich. Os Arquétipos Literários. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade, Arlete Cavaliere. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.





REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ





Língua

Por Bert Jr.

num galope selvagem
enfrene

por terreno vasto
cujos
obstáculos conhece
e salta
como ninguém

ou
lânguida
feito
trança entre espáduas
corrediça
esguia
reptílica

convém
da tua
cuidar sempre bem
se não quiseses perder-te
e a outrem
no vai e vem
de enunciados
quais os dela
provêm



látego pulsante

a romper sinapses

no próximo

inimigo

à distância mantido

pela ameaçadora força

de seus golpes

ou

espada

de serventia eclética

reclamada

por seres de angélica origem

e da mais terrena dialética

para a imposição

de propósitos

ora grosseiros ora sutis

mas entre e de si sempre

inconsúteis

pois convém

da tua

cuidar sempre bem

se não quiseses ferir-te

e a outrem

no vai e vem





de juízos
quais os dela
provêm

lampejante criatura
arguta
luminosa em sua
sonora descarga
conceitualmente
voltaica
ora impressa
ora etérea
a fundir rumos e sonhos
no âmago de seu

fulgor

ou
caixa de pandora
insondável
até que se abre
e de dentro surgem
todas as possibilidades
que mais não cabem
em caixa nenhuma

por isso mesmo
convém





da tua
cuidar sempre bem
se quiseses poupar-te
e a outrem
de inúteis desastres
e ainda
sobretudo talvez
se quiseses
oferecer ao mundo
original vislumbre
genial versão
de tudo
inclusive de ti
e de
outrem

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Tem seis livros publicados: dois de contos, três de poesias e um de crônicas humorísticas. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura. Em 2024, irá lançar seu primeiro romance.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.



atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com

A stylized illustration featuring several women of diverse ethnicities and ages. The women are depicted from the chest up, wearing various colorful clothing like turtlenecks, polka-dot shirts, and striped shirts. They are set against a background of radiating, torn-edge paper strips in shades of yellow, orange, and pink. The overall style is modern and artistic, with a focus on representation and community.

CARTA AS PODEROSAS

Por Rosamares da Maia

Você está diante de uma mulher poderosa, de uma mulher que levanta cedo todos os dias, organiza a própria vida em torno da casa, filhos, marido, estudo e trabalho. Ufa! Que malabarismo. E se o voo é solo, aí minha amiga, você é ainda mais poderosa.

Uma poderosa que muitas vezes faz jornada tripla, trabalhando em casa, na rua e estudando muito, para disputar vagas em um mundo tão competitivo e injusto, que paga, pelas mesmas tarefas, salários muito maiores aos homens. Mas a poderosa, não pode perder o pique na competição por melhores condições de vida.

Uma poderosa, ainda tem por obrigação ser bonita, cheirosa, limpinha e arrumada. Precisa ser mãe e amamentar, ser mulher e amar, tentar satisfazer o parceiro e sair satisfeita desse encontro de mundos tão diferentes. Uma poderosa, mesmo quando a vida embrutece as pessoas, precisa manter a delicadeza e a suavidade, saber ser sensível e chorar, mas, chorar lágrimas discretas, sem ser piegas ou “melosa”. Uma poderosa pode dobrar quando fustigada pelo vendaval, mas jamais quebrará, ou descerá do salto.

A verdadeira poderosa ao contrário de mal humor e histeria, de inveja e cobiça, procura espalhar amor, bondade, conquistar admiração e respeito, afinal de contas estudou na escola das “mademoiselles do Colégio Sacre Coeur de Marie”.

Acho que estes são alguns dos martírios no conceito padrão - coisas que definem uma *Menina Poderosa*. Muitas de nós entendemos bastante destas coisas.

Vocês são poderosas, porque conquistaram o próprio espaço, cavando com as próprias mãos, sangrando cada unha quebrada e aprenderam a dizer do que gostam, conquistaram a autoestima, num ambiente onde tudo contribui para depreciar, conquistaram, também, a minha amizade e amigo (a), não é somente para “guardar do lado esquerdo do peito”, é sim, para abraçar de corpo inteiro, preservando como algo em extinção. Às mulheres aprenderam a conquistar a amizade umas das outras, com respeito e admiração, aprenderam a teoria matemática de conjunto, contribuindo para unidade do bem comum.

É claro que ainda vivemos em um mundo de distorções, onde segundo as estatísticas, no Brasil, morrem, por dia, três das sete que sofrem de violências.

Eu, todos os dias, agradeço a Deus, por ter amigas poderosas como vocês, porque somente com muita união e compreensão do processo histórico que nos trouxe até aqui poderemos corrigir os rumos dessa jornada.

Já pensaram como a “Docinho” aqui, lutaria sem vocês? Impossível!

Parabéns pelo dia Internacional da Mulher — todos os dias — e Mil beijos PODEROSOS. Sejam verdadeiramente felizes, se façam mulheres felizes, amando e fazendo do seu homem, um cúmplice para todas as horas.

Se os meninos hoje, estiverem com uma pontinha de inveja, façam com que eles se sintam poderosos, pois a generosidade é com certeza um atributo de todos os dos Seres Humanos e não somente das mulheres.

Rosamares da Maia, escreve Contos, Crônicas, Blog Poemas de Amor /Lusofonia Poética, Antologias na Ed. Scortecci e na Ed. Andross. Finalista no Prêmio Strix-anos 2020/21/22. Publicou na Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores, Haicais à Brasileira e Tempo de Contradições, Contos: Não Sei se Devo, Mas Vou CONTAR / Ed. Autografia: Pita Pitanga e a Abóbora Moranga. Certificada pela Revista Conexão Literatura, por participar de antologias. Coletâneas Selo OF FLIP, anos 2020/21/22.

Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO,
NÓS FAZEMOS ISSO
PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE **870 MIL**
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: **CLIQUE AQUI** ←

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Pelo dia 08 de Março

Por Sellma Luanny

E mais essa! Tem que haver dia
para tudo. Pois então vamos
ver!... Visto ou não a camisa?
Sigo ou não a procissão?

A ser lembrado... a ser lembrado?...
Para mim preciso não é...
Todos os dias marca machuca
magoa... esta condição.

Parece antagônico... polarizado...
e esta pele vestir, nada fácil.
A exigência e a pressão... enormes
e o peso... nem se fala!

Restrições... mesmo veladas.
Maus tratos... vocalizados.
Dependência... imposta.
E a liberdade... restringida.

Afirmar o contrário... hipocrisia.
Se bem se sente... minoria.
Privilegio de poucas... a felicidade.
Calada amordaçada... a maioria.

SOBRE A AUTORA:

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

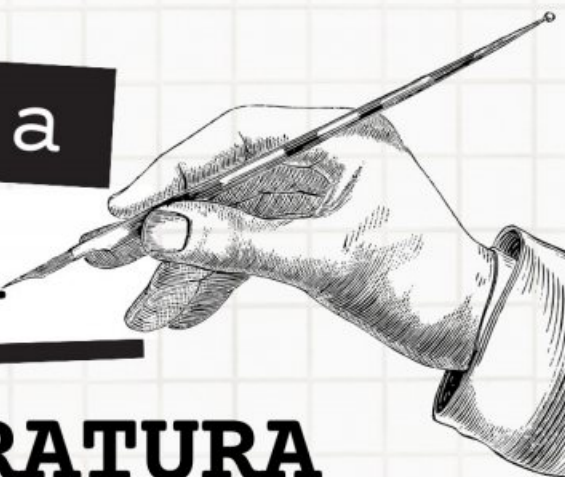


2024

Patrocine a

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA



Editoras, livrarias, autores. etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgado no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

**Escreva para o editor Ademir Pascale:
ademir@divulgalivros.org**



www.revistaconexaoliteratura.com.br

O REAL CUIDADO

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

“Muitas vezes” me entrego a pensar
Se, porventura, posso caminhar
Por uma célebre luminosidade
Mantida pelo Sol de verdade

Mas, sei lá se no caminho
Eu, então sozinho
Possa, por entre os “raios” solares, me embarçar
E, no infantil desejo, me atrapalhar

Ah! Quão bela e sutil esta expressão. No exato olhar, o horizonte
se mostra perto
Mas, por certo
Existe distância e, o perto, concreta a pura ilusão

Assim, o cuidadoso coração
Mesmo sendo, enfim, um sentimento maravilhoso o amor
Toma cuidado, pois as mais belas pétalas, também, conseguem
cair da colorida flor



TROPEÇOS NOS VERSOS

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Ah! Querida brisa, venha algo superior me fazer
Fazendo se deitar no meu “colo” a me esquentar
Tudo, bem suave... devagar...
Para que possa melhor apreciar
O tão belo amor que desejo sentir e ter

No momento, ao passar
Promova aquele parecido “assobio”
Bem fino como da linha, um fio
Esqueça a tal “existência” da correnteza do rio
Com esse jeitinho de navegar, somente assim irei me alegrar

“Habituada”, enfim, aqui na praia sentada
Observo as “marolas” naquelas rotinas: do ir... do voltar e...
novamente bater

A gotícula de areia, bem pequenina, nada sofre e se
manifesta feliz ao saber

Que a cada tocar da “marola” muito mais irá valer
Imagino, assim, aquela sensação em ser também “amada”

Mas se não quiser
Querida brisa, do mar
Continue por mim passar
Ficarei aqui, no mesmo lugar, ao meu amor esperar
E, por certo, bem ansiosa, como toda “dengosa” mulher

AINDA À “ESPERA”

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Ah! Finalmente a noite amanheceu
O Céu, tão belo, azulado escureceu
Ao proveito do matizado Estrelas mostram seu
cintilar

Vibra meu interior! O prazer gostoso de amar

Assim, mantendo viva à “espera” ao meu lado
Quem sabe ele não venha comigo adormecer
Para, de fato,
Outro delicioso carinho viver

São apenas belas palavras que borbulham no meu
coração

Cada uma delas, como se vê, recheadas de
emoção

A superar tal sentimento, somente muita dor e
pouca euforia

Quanta pena! Lá se foi a noite... madrugada...
surge o dia

Nada, enfim aconteceu
Ainda à “espera”, algo forte no coração consigo
guardar, pois meu amor não morreu

MAIS UMA VEZ

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Quanta palavra maravilhosa
Exultante em carinho... tão gostosa
Gostaria de, delicadamente, pronunciar
Quando a porta abrir e você chegar

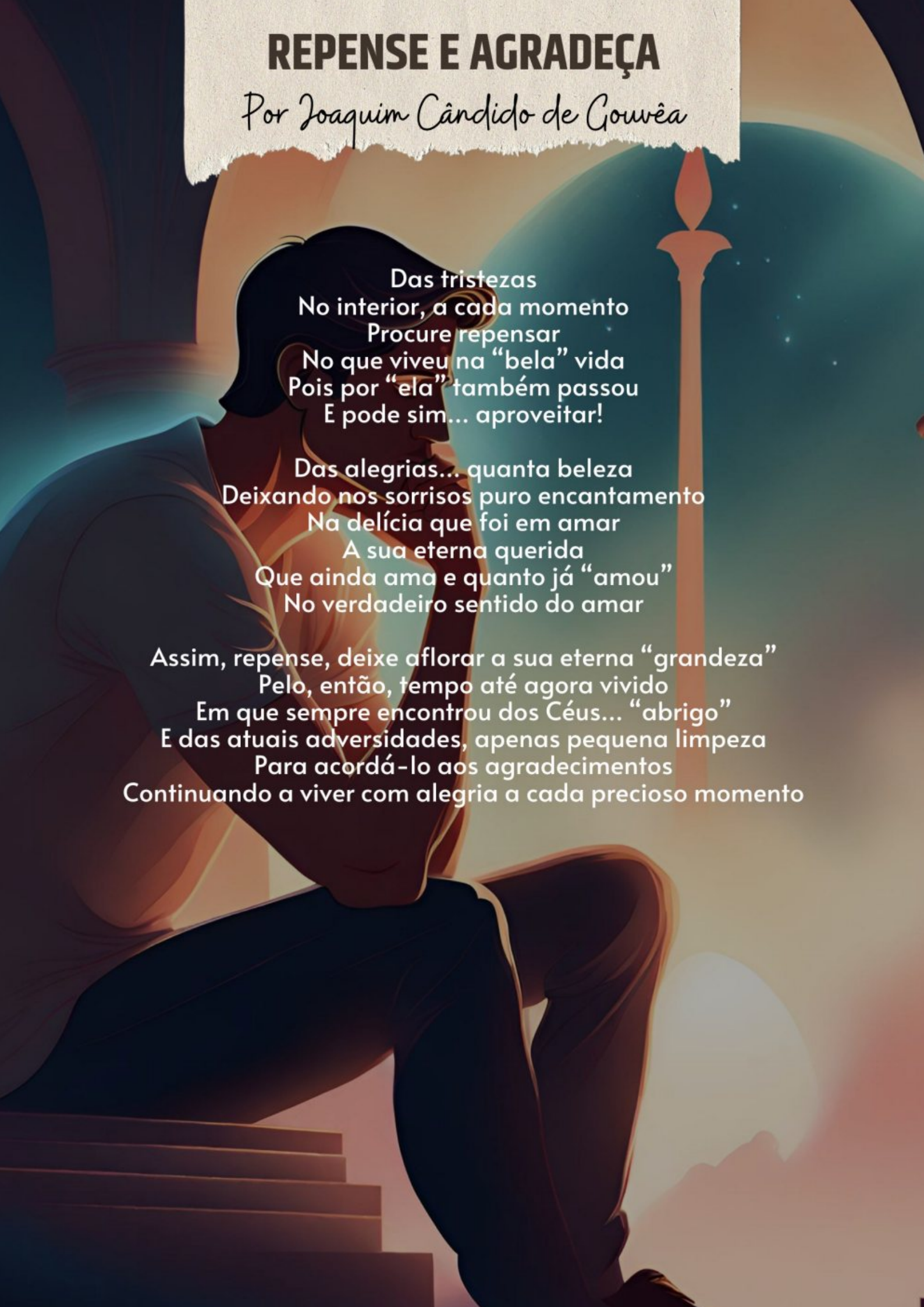
Confesso! Quanto de “desejo” irei demonstrar
Para, de fato, o teu lado sensual atijar
A você, mostrarei ser o desejado
Para somente a mim ter amado

Horas, enfim, se passam
Desejos, mais do que nunca, ultrapassam
É eu aqui ansiosa para o possuir

Mais uma vez
Venceu em mim o talvez
Ao não o ver nesta noite e, ao final, sorridente de felicidade, senti-lo
partir

REPENSE E AGRADEÇA

Por Joaquim Cândido de Gouvêa



Das tristezas
No interior, a cada momento
Procure repensar
No que viveu na “bela” vida
Pois por “ela” também passou
E pode sim... aproveitar!

Das alegrias... quanta beleza
Deixando nos sorrisos puro encantamento
Na delícia que foi em amar
A sua eterna querida
Que ainda ama e quanto já “amou”
No verdadeiro sentido do amar

Assim, repense, deixe aflorar a sua eterna “grandeza”
Pelo, então, tempo até agora vivido
Em que sempre encontrou dos Céus... “abrigo”
E das atuais adversidades, apenas pequena limpeza
Para acordá-lo aos agradecimentos
Continuando a viver com alegria a cada precioso momento

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho sou ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

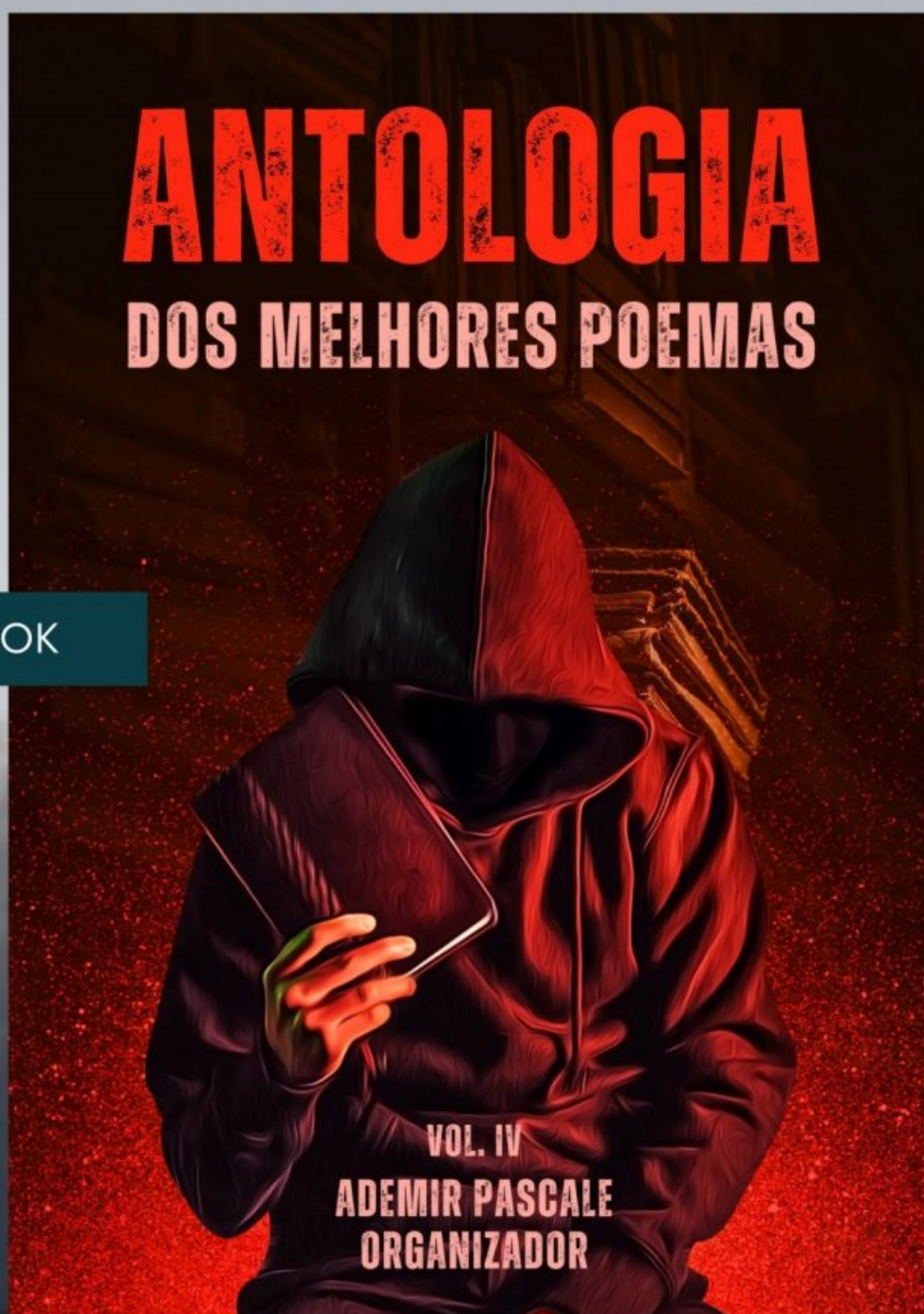
Email: mjgouvea@hotmail.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

DOS MELHORES POEMAS

VOL. IV

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

- **DIVULGUE
PARA + DE
870 MIL
LEITORES
POR**
R\$ 180

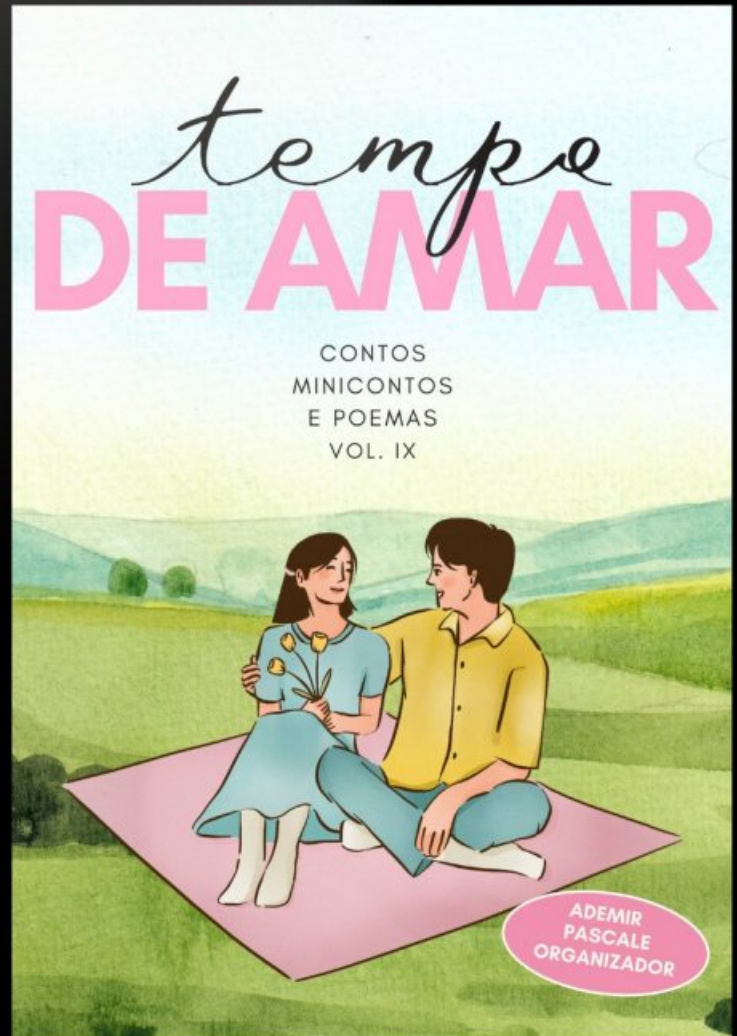
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademir@divulgalivros.org**



DICAS PARA LEITURA

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO
- VOL. II, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS
DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS,
COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR
PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E
ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



TEMPO DE AMAR - VOL. IX, COM
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



Grito silenciado

POR PIERRE RICHARD GERISMA

Quando olhamos ao nosso redor, encontramos sorrisos falsos e abraços vazios que escondem uma dor invisível. Caminham entre nós, criaturas solitárias que carregam o peso do mundo em seus ombros vulneráveis. O esgotamento emocional é como um veneno corrosivo que lentamente consome qualquer esperança ou motivação. Já não querem mais viver na indiferença de cada novo amanhecer. Aconchegados pela solidão, pensamentos sombrios dominam suas mentes cansadas, convencendo-os de que a única solução é a fuga eterna.

Oh, como é cruel perceber que aqueles que mais precisam de ajuda são os mestres em ocultar seus desesperos! As pessoas ao seu redor, distraídas por suas próprias batalhas, não conseguem detectar as lágrimas disfarçadas sob seus sorrisos vazios. Aqueles que aparentam estar alegres, na verdade estão despedaçados por dentro. Em meio a conquistas e realizações, suas almas imploram por um amparo emocional, ansiando por um vislumbre de esperança. Na superfície, eles conquistaram tudo o que poderiam sonhar. Sucesso profissional, riquezas materiais, fama e reconhecimento social. Mas, no íntimo, a tristeza os consome, corroendo suas vidas silenciosamente.

O sucesso material ou a humildade, aparentemente suficientes, agora parecem insignificantes. A motivação outrora presente se esvaiu, deixando em seu lugar uma sensação de vazio indescritível. O ânimo na rotina do cotidiano parece ter desaparecido, tornando cada dia uma tarefa árdua, sem sentido. Não importa o que possuem, pois perderam a capacidade de enxergar beleza nas coisas mais simples da vida. Não há outro jeito de preencher o vazio da sua existência senão o de viver nos outros, com gestos de generosidade e bondade. Desta forma, se tornam uma fonte de luz e esperança para quem precisa, e se sentem parte de algo maior do que a si mesmo.

A vida, para muitos, é um fardo que se arrasta sem alívio, pois se convenceram de que não há nada mais para descobrir ou desfrutar na jornada, ou se esqueceram de como sonhar com o futuro. Empresários bem-sucedidos, cuja fortuna é invejada por muitos, são apenas um fantasma rodeado por superficialidades. Seu semblante sorridente camufla a tormenta incessante em sua mente, onde não há paz nem consolo. Eles tentam preencher o vazio de suas vidas com farras, baladas e companhias superficiais, mas o que encontram nessas noites só fazem aumentar a sua angústia e desânimo. As conquistas que outrora lhes davam orgulho, agora são apenas ecos amargos de um passado distante. Por fora, eles são verdadeiros atores, interpretando o papel de pessoas felizes e realizadas. Os aplausos ecoam quando contam suas histórias de sucesso, mas por dentro, o palco é um autêntico caos. Essas pessoas brilhantes perderam sua motivação e seu ânimo, estão à beira do abismo emocional, prestes a se perder na escuridão. O peso das expectativas que a sociedade impõe aos seus ombros é avassalador. A pressão para continuar acumulando conquistas e provar que são dignos de admiração é sufocante. Sem opções para expressar sua angústia, eles veem sua vida diária se transformar em uma rotina sem sentido, onde cada dia é uma cópia monocromática do anterior.

Ao mesmo tempo, mulheres corajosas ou trabalhadores humildes, que passam despercebidos pelos olhos da sociedade, carregam em si um fardo pesado. Sua luta diária pela sobrevivência e sustento não tem mais significado. O cansaço é um companheiro constante, desesperançoso e insaciável. A alegria que tentam transmitir é uma máscara que esconde a sombra que os devora por dentro. Eles se esquivam da realidade como

quem dança em um palco, sem se preocupar com o que virá depois do espetáculo. Eles transformam suas ações em uma arte de escapismo, sem encarar as consequências do futuro.

Ambos, bem-sucedidos ou humildes, compartilham do mesmo tormento interno, da mesma sensação de desespero. Uma busca desesperada por apoio emocional, um ombro em que possam desabar sem julgamentos, mas encontram apenas ruínas. Eles lutam contra os demônios internos, enquanto o mundo ao seu redor permanece alheio ao seu sofrimento. Comunidades que negligenciam a saúde mental, onde fragilidades são vistas como falhas, contribuem para a destruição implacável dessas almas sofredoras.

Não há nada mais triste do que sentir-se sozinho no meio da multidão. Por mais que tenhamos pessoas queridas ao nosso redor, às vezes, parece que ninguém nos compreende de verdade. É como se um buraco negro devorasse o nosso coração, deixando-nos vazios e angustiados. Amigos e familiares não percebem a sua dor, pois acreditam ter encontrado naquela pessoa o exemplo de como alcançar sonhos. Na verdade, eles não têm culpa de se preocupar com o seu bem-estar. Eles estão constantemente sobrecarregados pelas demandas do mundo moderno e pela pressão social. Eles não têm tempo suficiente para serem compassivos com seus entes queridos, aproveitarem a vida e se divertirem com eles. Mas o adeus à vida é uma sombra que se aproxima, espreitando a todos aqueles que parecem ter tudo sob controle.

Hoje, precisamos abrir os olhos e perceber que a aparência enganadora é uma injustiça com aqueles que lutam por uma batalha solitária dentro de si mesmos. É necessária uma mudança de perspectiva. A sociedade precisa entender que o êxito material não garante a felicidade. Riqueza e reconhecimento são apenas camadas efêmeras. É vital desmistificar a ideia de que a tristeza e o desespero só afetam os mais vulneráveis e desfavorecidos. Cada sorriso oculta uma história única e complexa. O apoio emocional deve ser oferecido a todos, independentemente do que aparentam ter ou ser. As máscaras precisam cair, e é nesse momento que devemos estender a mão e mostrar compaixão.

Sabemos que não somos psicólogos ou profissionais de saúde mental, mas podemos nos tornar pontes para ajudar essas pessoas a encontrar o apoio especializado de que necessitam. Nós, como sociedade, temos a responsabilidade de criar ambientes acolhedores, livres de julgamentos e preconceitos. Devemos aprender a ouvir o silêncio dos sorrisos, enxergar as lágrimas que não caem e oferecer nosso amor incondicional a quem mais precisa. Cada vida é valiosa, e cada pessoa, por mais bem-sucedida ou humilde que seja, merece compreensão e afeto. Quebrems o silêncio devastador que aprisiona tantas almas. A realização pessoal não deve ser medida por conquistas materiais, mas sim pela felicidade genuína que cada um pode encontrar em seu coração.

Pôr fim à sua própria vida é uma tragédia que pode ser evitada. Precisamos nos unir, estabelecer uma rede de apoio emocional e dizer ao mundo que ninguém está sozinho. A importância do suporte emocional para aqueles que aparentam estar alegres, mas estão destruídos por dentro, jamais poderá ser subestimada. Assim, iluminemos as mentes sombrias com o amor e a compreensão que todos merecem. Quebraremos esse ciclo de angústia silenciosa, substituindo-o por um mundo onde cada lágrima seja transformada em esperança, onde os sorrisos sejam genuínos e as vidas, resgatadas.

Que a nossa mensagem ecoe fundo nas profundezas da alma daqueles que sofrem em silêncio, pois é na compaixão que encontramos a verdadeira força para criar mudanças reais. Juntos, podemos oferecer o apoio necessário e lembrar a todos que a vida vale a pena ser vivida.

O grito silenciado não precisa mais se enraizar nas mentes e almas daqueles que parecem ter tudo, mas estão destroçados internamente. Vamos ser a mudança que queremos ver no mundo e estender a mão para quem mais precisa. Juntos, podemos transformar vidas e mostrar que a felicidade genuína está ao alcance de todos. Não deixemos que ninguém se perca na escuridão, no silêncio devastador, pois todos merecem encontrar a luz.

Que jamais esqueçamos: a verdadeira alegria só pode ser encontrada através do apoio mútuo e da conexão profunda com o próximo. Juntos, podemos construir seres humanos mais resilientes, capazes de enfrentar as adversidades da vida de cabeça erguida.

Naquela esquina, bem longe daqui.



Pierre Richard Gerisma

O autor caribenho, Pierre-Richard, já publicou seus livros no Haiti, França, Brasil e Portugal. Expressa em seus poemas e romances a sua perspectiva como um viajante que busca o sentido da existência, do amor, da pureza e da dimensão interior do ser humano. Conhecido por sua linguagem lírica, intensa e emocional, Pierre-Richard encanta seus leitores e os leva para as paisagens e emoções retratadas em seus escritos. Seu estilo poético mescla elementos surrealistas e místicos, criando uma atmosfera mágica e evocativa. Sua obra também trata de questões sociais e políticas pertinentes para o contexto nacional e global, como a desigualdade, o preconceito e a busca por identidade em um mundo em constante transformação. Sua mais nova obra é “Naquela esquina, bem longe daqui”.

COMUNIDADE

Por Mirian Menezes de Oliveira

Quem orbita no Universo
nunca... nunca vive só!
Nas ondas, pesca seus versos...
Na areia, "destrança" os nós"!

Atentos a cada passo,
pássaros se entrelaçam...
Todos no mesmo compasso,
constelações... eles traçam.

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

Por Daniela Bloc

Tempos líquidos
De liames frágeis
De sentimentos volúveis
De amores voláteis
Irmandades que se esvaem
À menor discordância

Num movimento
O cancelamento ali é dado
E todo zelo é descartado
E tanto nobre sentimento
Vira em segundos
Em um momento
Distanciamento inusitado

Eu não me adequo
Comigo quero o que for
Amor em flor que desabrocha
Estabilidade e solidez
Firmeza e muita sensatez

E o que for incerto
O que for frágil e irreal
O que for superficial
Que de mim tome distância
Passe bem longe a inconstância
E os que não sabem me ver bem



Daniela Bloc é formada em Direito pela UFC, mas sempre atuou na área da educação. Tem especialização em Psicopedagoga pela Unichristus. Tem um livro infantil publicado e participações em revistas e antologias.



rocha

LAÇOS ETÉREOS



A CRÔNICA DOS PESARES

A CRÔNICA DOS PESARES

A CRÔNICA DOS PESARES

A CRÔNICA dos pesares

por
Nathalia Calçada



Da varanda cheia de grades posso ver os dois pontos da desigualdade, ao meu lado uma bela casa com paredes de vidro na qual a moradora pode apreciar seu gramado e sua área de lazer com piscina, do outro lado o morro se destaca com seu aglomerado acúmulo de casas precárias em terrenos ocupados.

O país paradisíaco, conhecido por suas lindas praias, sua cultura carnavalesca que ao invés de priorizar a arte, expõe mulheres nuas como atrativo, sua bebida escancarada pelas esquinas, a prostituição de baixo custo, a violência gratuita, tráfico de drogas que justifica o abuso desenfreado de jovens em qualquer porcária.

O período de pandemia, conseguiu deixar as pessoas nesse país ainda mais loucas, as brigas são rotineiras, as dificuldades financeiras das famílias ainda maiores, a evidência de abusos, estupros e assassinatos são atrações para o café da manhã. Alguns se dedicavam a ajudar aos outros, outros não conseguem nem lidar com os próprios problemas.

As crianças sofrem ainda mais do que os adultos, sem entender as restrições e recebendo um acúmulo de informações das quais nem os pais podem lidar. Os casamentos de novela, definham, mostrando os problemas e as dificuldades que não estavam escancaradas antes. As amizades evidenciam as relações interesseiras, ainda assim, elas se mantêm.

A cultura do jeitinho brasileiro de ser representada por diversos livros de literatura brasileira ao longo da história, a tal da malandragem é utilizada até pelos governantes do país.

O Brasil tem problemas que vão além da fome e da pobreza, existem problemas culturais que são vistos como comportamentos normais, as injustiças começam dentro de casa, no troco errado do mercadinho da esquina que você não devolveu, na mentira idiota que você passa para o seu filho para evitar maiores explicações, no dinheiro escondido da companheira, no puritanismo que você inventa para os outros, para fingir que é melhor do que ele... a nossa educação é primitiva até quando falamos de um universitário bem pontuado, a ignorância está na distância entre a educação e a instituição escolar, na prioridade de se atribuir pontos em vez de olhar para o aprendizado.

Temos problemas que não são uma novidade da pandemia, temos problemas que existem há muito tempo, os crimes acontecem todos os dias, a homofobia, o racismo, a pedofilia, a violência doméstica, tráfico de drogas, pessoas, mulheres, prostituição... Fome, péssima qualidade nos serviços públicos... além do ódio.

Nathalia Calçada, 27 anos, nascida na Grande São Paulo, formada em Pedagogia (UMC) e Letras (UNIVESP). Professora de Língua Portuguesa para os Iniciais e Finais do Ensino Fundamental I. Estudante de Linguística e de Literatura Comparada (Instituto Líbano). Uma jovem amante da literatura brasileira e da grande magia que as letras. Talvez uma aspirante a escritora com fome de escrever, filha de mulher guerreira, mãe de um menino maravilhosamente encantador e esposa de uma brilhante musicista.

O Despertar Cinzento

Por Fernando Schwartzhaupt Noroefé

Acordei em um mundo diferente,
onde tudo era cinzento e triste,
fazíamos o que não queríamos,
sofríamos pelo que não tínhamos,
chorávamos por quem nunca nos amaria.

Então olhei-me no espelho,
e lá entendi, onde havia acordado:
o mundo ainda era o mesmo,
eu que havia crescido,
mas ainda não havia despertado.

Fernando Schwartzhaupt Noroefé é formado em Processos Gerenciais pelo IFRS e cursa uma especialização em Engenharia de Software. Atualmente está se aventurando na escrita de contos e poemas.



Um livro pode
conter um
universo
inteiro, por
mais infinito
que seja.



Revista Conexão Literatura



EU GOSTO DA VISTA DAQUI

Do alto de 18 andares a vista é ampla e o horizonte, panorâmico. Diante da vista, e em consórcio com ela, a imaginação me leva a lugares distantes no espaço e no tempo - logo eu, que jamais pisei fora de terra brasílis. Olho, a um punhado de quarteirões daqui, a Basílica Imaculado Coração de Maria, com seu estilo neomourisco e torre destacada, e me pego sendo transportado à Notre Dame dos gárgulas que vigiam Paris. Chego a ouvir o centenário badalar dos sinos sagrados.

Desviar o olhar um pouquinho mais à direita me leva ao Jardim do Méier, gota verdejante no oceano de concreto das redondezas. Fechando os olhos reais e abrindo os da imaginação, cruzo Nova York, adentro o Central Park e caminho por entre esquilos e ciclistas.

Olho mais além, buscando a Baía de Guanabara e, antes do mar, paro no mourisco castelo da Fiocruz, portal imaginário de passagem para tempos medievais na Península Ibérica. Finalmente alcançando o mar guanabarin, chego a ver o desembarque de invasores portugueses, advindos de caravelas navegantes na baía tranquila.

Mais ao longe, contemplo a muralha chamada Serra dos Órgãos. Que, somada à Floresta da Tijuca que vejo bem mais perto, na minha extrema direita, eleva ao máximo a abstração e faz sumirem asfalto e concreto. Agora estou contemplando apenas o natural e imaginando quais bichos perambularam por aqui desde tempos imemoriais.

Uma buzina de carro me traz novamente à realidade do urbano, fazendo sumir do devaneio as lembranças que eu não vivi. Não sem que antes, vendo a cidade lá embaixo, me imagine no alto do refúgio de Aladdin na fictícia Agrabah.

Agora sim, por fim, de volta ao mundo real. Para perceber, do alto do 18o. andar, o quanto a cidade é, ao mesmo tempo, grande e pequena. Como a vida.

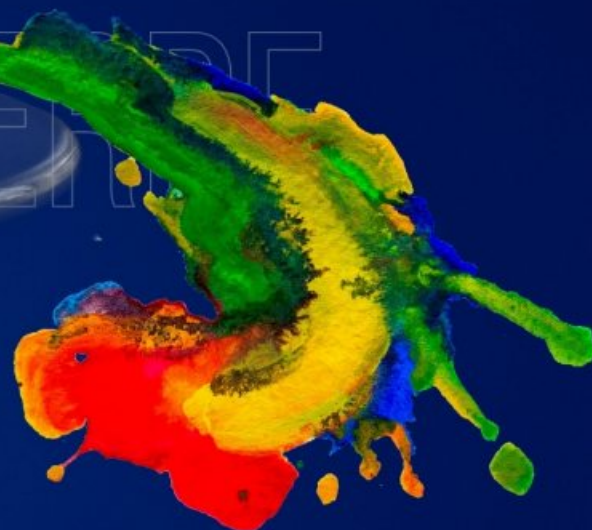
Eu gosto da vida daqui.

Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ, professor do Instituto de Biociências da UNIRIO, onde coordena o Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. Organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, editor-adjunto da revista A Bruxa e editor do zine Homem-Leoa, é colunista do portal Fauna News e participante do podcast Silvestres.

POR GILMAR DUARTE ROCHA

A fada verde

GILMAR DUARTE ROCHA, INTEGRANTE DA ACADEMIA BRASILENSE DE LETRAS, É AUTOR DE VÁRIOS LIVROS DE FICÇÃO E UMA OBRA DE IMPRESSÕES DE VIAGEM. ATUALMENTE EXERCE O CARGO DE DIRETOR DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESCRITORES-ANE.



É antigo o questionamento a respeito de drogas entorpecentes e alucinógenas e o seu efeito sobre indivíduos durante o processo de criação artística, seja na área das artes plásticas, na música, na representação cênica ou até mesmo na concepção de uma obra literária.

O assunto é polêmico; já foi objeto de debate; tema de estudo acadêmico, mas nunca se chegou a uma conclusão definitiva.

Na década de 60, o psicólogo, neurocientista e escritor americano Timothy Leary começou a ministrar para os seus pacientes que sofriam de depressão, ansiedade e outras enfermidades da mente uma droga altamente alucinógena, descoberta na década de quarenta pelo químico suíço Albert Hoffman, que havia recebido uma encomenda de um laboratório para produzir um medicamento que estimulasse a circulação sanguínea. Hoffman bateu com o martelo no cravo, porém acabou acertando a ferradura. O medicamento pouco efeito fazia para melhorar as mazelas das pessoas com problemas circulatórios, mas como o próprio Hoffman viria a descobrir, a sua invenção produzia uma sensação devastadora nas sinapses cerebrais e a simples inoculação via oral de uma colher de chá da droga era o suficiente para tirar o indivíduo do plano terrestre e o transportar para um mundo paralelo pleno de visões, alucinações, contemplações, psicoses, sensações de pânico, medo e histeria.

O nome da droga era LSD (ácido lisérgico) e o seu uso (com o incentivo de Leary e outros psiquiatras aloprados) alastrou-se como uma praga durante a década de 60, o período áureo da contracultura, um marco temporal onde os jovens de todo o mundo ocidental começaram a assumir o papel de protagonista na condução de várias atividades do mundo contemporâneo, mormente no campo da produção cultural. Nessa área, em particular, alguns expoentes não tinham o menor pudor de assumir o uso da droga em público, figuras como John Lennon, George Harrison, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Eric Clapton, Steve Jobs e principalmente os poetas beats como Allen Ginsberg, autor do livro clássico *Uivo*, Lawrence Ferlinghetti, Gregory Corso, Jack Kerouac (autor de *On the road*) e Michael McClure.

Mas o caso mais emblemático do efeito de drogas sobre o processo criativo aconteceria nas décadas finais do século XIX. Estamos falando do uso da bebida de nome absinto, que coincidentemente ao LSD, teve a sua criação amparada no propósito de se achar um medicamento, nesse caso um vermífugo eficaz. Nesse intuito, em 1792, o médico francês Pierre Ordinaire, que morava em Couvet, na Suíça, criou um elixir à base de anis, funcho e losna, que nunca se soube de fato se realmente extirpava os vermes do ventre das pessoas acometidas de doenças causadas por parasitas. Contudo, partiu do próprio Ordinaire o lampejo de acrescentar álcool ao seu elixir, ideia essa que o embriagou e viria a embriagar toda a Europa nos anos vindouros, principalmente na França, onde a produção do licor se sofisticou e o absinto se tornou bebida *habituée* dos salões intelectuais durante décadas, alcançando o auge de consumo durante o período conhecido como *belle époque*.

O uso do absinto tornou-se febre entre os pintores impressionistas, como Manet e Van Gogh, e fez ainda mais sucesso no meio dos poetas simbolistas, onde se destacavam Rimbaud, Baudelaire, Verlaine, Mallarmé e outros. A bebida passou a receber a alcunha de *fée verte* (fada verde), por sua cor marcante. Seu consumo, antes restrito a artistas e intelectuais, alastrou-se nos melhores salões de festas e encontros de Paris do fim do século XIX e do princípio do século XX e se converteu definitivamente na bebida da moda. Fez tanto sucesso, que o período de tempo preferido para o consumo, a partir das cinco horas da tarde, ficou conhecido em Paris como "Hora Verde". A lista de usuários famosos é extensa: Oscar Wilde, Henri de Toulouse-Lautrec, Edgar Allan Poe, Aleister Crowley, Ernest Hemingway, James Joyce, Modigliani, Pablo Picasso, Marcel Proust, Erik Satie, Lord Byron, Alfred Jarry, Fernando Pessoa e companhia limitada.

Mas uma bebida alcóolica, apesar de cálida, saborosa e sedutora, que era motivo de união de pessoas em torno de uma roda de conversa inspiradora, começou a ser produzida com o volume de impressionantes 89% de álcool etílico nos seus anos de ouro e esse consumo cavalgar tinha que produzir efeitos colaterais. Além de levar muita gente para o hospital ou para os campos elísios antecipadamente, começou a provocar intrigas e desuniões, e a mais famosa dessas querelas envolveu dois mitos da poesia simbólica: o jovem rebelde Arthur Rimbaud e o funcionário público Paul Verlaine, um homem casado e estabelecido. Consumidores contumazes do absinto, os dois vates deram início a uma parceria que extrapolou o limite da criação literária, avançando para o lado sentimental e terminando em amor de paixão. O estranho enlace (para a época) tornou-se tão polêmico numa Paris que ainda carregava de certa forma o ranço puritano do período pré-iluminista e os espaços começaram a se estreitar para a dupla transgressora, que tiveram que abandonar a cidade-luz e se mudar para o interior da vizinha Inglaterra. Lá, isolados no campo, provavelmente consumiram absinto em demasia e pouco produziram no campo da poesia de excelência e de grande inspiração que eram peculiares. O resultado foram brigas em profusão (por ciúmes em sua maioria) e o retorno forçado do poeta Verlaine para a França, para tentar recuperar a vida cotidiana, não obstante o vínculo sentimental entre os dois tenha persistido ainda mais algum tempo. O fato é que Verlaine nunca voltou a produzir com o talento de outrora e Rimbaud simplesmente abandonou a poesia, no auge dos seus vinte e poucos anos, para se dedicar a uma vida de aventureiro e explorador, viajando para os confins da Ásia e terminando os seus dias na Etiópia com apenas 37 anos de idade.

A Fada Verde continuou o seu reinado até princípios da Primeira Grande Guerra Mundial, quando o seu consumo foi proibido oficialmente. Coincidentemente no momento em que os opióides começaram a ganhar relevância.

O que fica de lição sobre a complexa relação drogas x criação artística é que a arte é nata e ela vai explodir com estímulo ou sem estímulo qualquer substância. É difícil cravar com segurança se alguém teve sucesso sem tocar a boca num veneno dos deuses (como a fada verde ou o LSD), mas é difícil afirmar que gênios como Goethe ou Shakespeare se valeram do uso de psicotrópicos ou tiveram qualquer tipo de adição para dar vazão a uma obra inspirada e devassaladora.



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

CONEXÃO

GRAMÁTICA

GRAMÁTICA



ACESSE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA

ENTREVISTA

COM ADRIANA C. A FIGUEIREDO



Adriana C. A Figueiredo

Mineira de Raul Soares, atualmente morando em Belo Horizonte, cidade do seu coração. Administradora por formação, sempre amou ler, mas foi na escrita que realizou o sonho de contar suas próprias histórias.

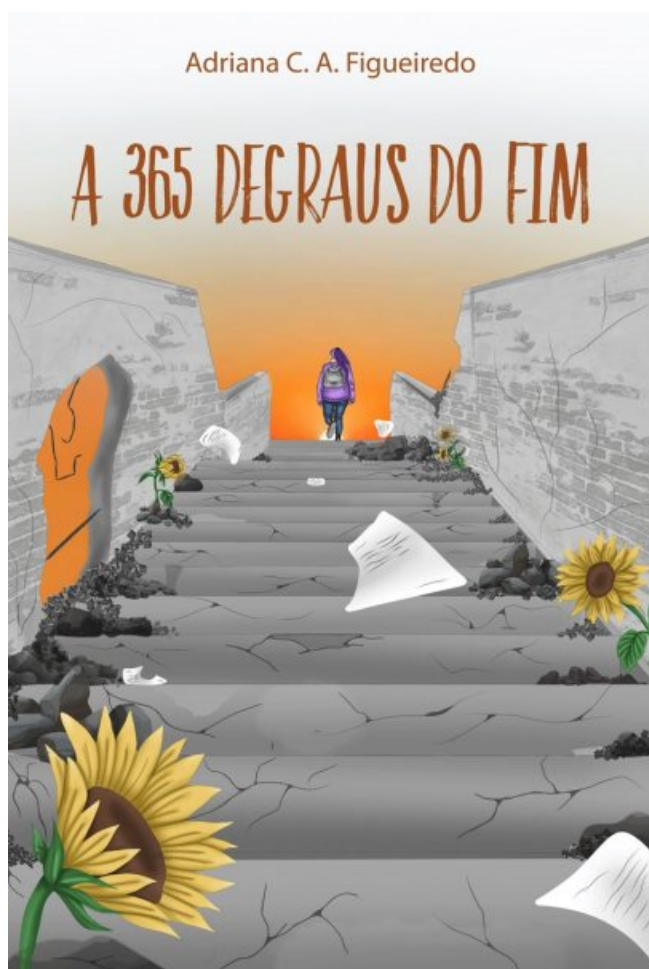
Começou a escrever em 2020, para desabafar os anseios de uma mãe na pandemia, e não parou mais. A escrita se tornou não apenas uma profissão, mas também permitiu que realizasse outros muitos sonhos.

Adriana costuma dizer que não vende livros, ela entrega seu coração através deles, com seu amor traduzido em palavras.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Adriana C. A Figueiredo: Comecei a escrever despretensiosamente em abril de 2020 mais precisamente no dia 23. Sempre fui uma leitora ávida por viajar nas histórias e um ano depois de começar a escrever eu descobri que não por acaso o dia que eu escolhi para dar o pontapé inicial na escrita era nada mais nada menos que o Dia Mundial do Livro e do Direito Autoral, razão pela qual a partir dali eu me assumi escritora e não parei mais de escrever.



Conexão Literatura: Você é autora do e-book "A 365 degraus do fim". Poderia comentar?

Adriana C. A Figueiredo: Este é o meu sexto livro publicado. Nunca tinha arriscado em escrever para o público jovem e adolescente, mas quando descobri o Prêmio Amazon de Literatura Jovem, que pedia uma temática importante para este público, eu não pensei duas vezes e comecei a escrever essa história, afinal de contas eu tenho dois filhos que logo logo chegam na adolescência. O livro fala de saúde mental e tem o propósito principal de abrir espaço para o diálogo neste momento em que os nossos jovens estão cada vez mais perdidos. Eu gosto de escrever com propósito e vi nesta oportunidade uma chance de levar essa importante mensagem.

inspirações?

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas

Adriana C. A Figueiredo: Eu sempre falo que quando escrevemos um livro, por mais que não seja sobre nós mesmos, toda história tem uma boa parte da gente e das experiências que temos ao longo da vida, mas a minha inspiração é sempre o meu entorno, as situações corriqueiras que me acontecem, as pessoas que cruzam o meu caminho e os desejos que estão em meu coração e que nem sempre eu percebo, mas quando escrevo afloram. O meu processo de criação inclui as minhas observações e

também as minhas leituras, boas histórias sempre me inspiram, eu gosto de pensar em quem vai ler e proporcionar aos leitores a mesma sensação que eu tenho quando leio um livro: uma viagem pela história.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu e-book especialmente para os nossos leitores?

Adriana C. A Figueiredo: “Será que um dia ele seria capaz de compreender o quanto esse apelido me incomodava? Ainda mais quando, além de falar em alto e bom tom, ele aperta as bolas redondas, ridículas, que tenho no rosto. Aquelas bochechas que eu quis arrancar inúmeras vezes. Agora tanto faz. Há muito desisti de entender ou de encontrar sentido em tudo aquilo.” - Pensamentos de Sabrina

— A 365 DEGRAUS DO FIM de Adriana C. A. Figueiredo

<https://amz.onl/1eBgx7H>

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o e-book e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Adriana C. A Figueiredo: Meu livro está publicado no site da Amazon e é apenas e-book por hora. Uma das regras do prêmio literário é essa, exclusividade de publicação na amazon pela ferramenta KDP. Pode ser adquirido pelo link <https://amz.onl/bE1O5AH> ou digitando o nome do livro na busca do site. Meu trabalho literário está todo descrito no meu Instagram @estreiadema e onde também é possível conseguir os links para comprar todos os meus livros.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Adriana C. A Figueiredo: Bem, eu sou suspeita para falar de literatura, porque simplesmente a literatura mudou a minha vida. Eu não só me descobri como escritora como também encontrei um novo caminho para realizar meus sonhos. E por isso um dos meus propósitos é incentivar novos escritores a se encorajarem e a minha principal dica é: comecem! Faça o que puderem com as ferramentas que tiverem, não esperem a perfeição como o primeiro ato, muito mais importante é fazer e acertar os pontos no caminho. Muita coisa boa acontece a partir do momento que temos coragem de dar o primeiro passo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Adriana C. A Figueiredo: Existem incontáveis projetos iniciados e muitos projetados que logo vão ganhar vida. Eu me arrisco em gêneros novos o tempo todo e contar histórias é o que mais me motiva. Além de livros também tenho algumas ideias relacionadas a cursos, palestras, desenvolvimento. E estou na expectativa de ingressar na

UFMG numa nova graduação agora com foco na escrita. Vou fazer Letras e realizar um projeto antigo de estudar literatura e espalhar por aí esse conhecimento.



Perguntas rápidas:

Um livro: Vou ousar no primeiro livro que me impactou – “Além do Pôr do Sol” de Marina Frasso

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Como uma romântica incorrigível – “Um Lugar Chamado Notting Hill”

Um hobby: Com certeza ESCREVER

Um dia especial: Sem dúvida alguma são dois: o dia do nascimento de cada um dos meus filhos 22/01/2015 e 01/11/2017

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Adriana C. A. Figueiredo: Eu quero deixar um convite aos leitores da Revista Conexão Literária e esse convite diz respeito a uma oportunidade. Leiam mais mulheres e sobretudo leiam autores nacionais. O Brasil tem escritores incríveis, capazes

de criar histórias incríveis, que podem virar filmes e séries impactantes e necessárias, só que esses autores precisam de apoio, apoie a literatura nacional, apoie autores nacionais. Leiam livros escritos por mulheres e avaliem com responsabilidade. Não há outro caminho senão pelo conhecimento para que sejamos capazes de mudar o nosso mundo e o mundo ao nosso redor. Eu leio mulheres, eu leio indígenas, eu leio e eu incentivo a leitura, especialmente na minha casa, com meus filhos, porque eu acredito no poder dos livros para tornar o nosso dia a dia mais leve e mais bonito, porque quem lê conhece as verdadeiras possibilidades da vida.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA AUTORA:

“Estreia de Mãe” publicado em setembro de 2021, meu livro de estreia, pela Viseu Editora e que fala de maternidade, com minha experiência e alguns textos e poesias escritos em meio a pandemia do Corona Virus.

“O Primogênito e O Caçulinha” publicado em fevereiro de 2023, meu primeiro livro infantil, pela Literando Editora em autopublicação e que fala da chegada de um irmão na família com a história real dos meus filhos. O livro conta com uma narrativa poética e repleta de acolhimento e amor onde os protagonistas revelam as emoções do sentir quando chega um novo membro na família.

“Amor Sob Medida” publicado em março de 2023, meu primeiro romance, também pela Literando Editora em autopublicação e que conta a história de amor entre Anna e Jonny, mas que tem uma dose alta de emoção e descobertas no caminho de amar. A personagem principal sofre violência doméstica e desiste de amar até encontrar o verdadeiro sentimento quando menos esperava. O livro teve inúmeras matérias publicadas e o tema abuso ganhou relevância na história que conta com canais informativos de denúncia e alguns recortes da Lei Maria da Penha, bem como a história da mulher que deu origem a lei e as possibilidades de pedido de socorro para muitas mulheres. Um alerta.

“Além da Margem: o encontro das águas” lançado em agosto de 2023 em publicação independente pelo Kindle Direct Publishing e que concorreu ao Prêmio Kindle de Literatura de 2023. Um livro que conta a história de um triângulo amoroso entre Malu, Otto e Liz, quando a última se encontrava em estado de coma vegetativo há muitos anos e ao despertar, o marido havia se apaixonado por uma jovem rebelde sem causa que não pensou nas consequências dos seus atos. Uma história de amor fluida e rápida, como as águas de um rio que corre para o mar e que em breve vai ganhar uma versão estendida porque o amor precisa ser o propósito da vida.

“Quando a Vida Dá o Tom” lançado em novembro de 2023 em publicação independente pelo Kindle Direct Publishing e que concorre ao Prêmio Amazon de Literatura Jovem, junto com o livro “A 365 Degraus do Fim” e é uma história que levanta a bandeira do racismo e do preconceito racial que acompanha a sociedade desde sempre, quando conta a história de uma jovem pianista, preta, moradora de comunidade no Rio de Janeiro, com talento inato, que consegue um bolsa de estudos na Juilliard em Nova York e vê o seu destino mudar quando decide mudar a sua realidade e consequentemente a realidade da sua família.

Obs: todos os links dos meus livros estão disponíveis na minha página do instagram @estreiadema e será uma honra encontrar nos leitores da Revista Conexão Literatura, os meus próximos leitores.



Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

ENTREVISTA COM FERNANDO CARVALHO



Fernando Carvalho

Fernando Carvalho nasceu no bairro de Santa Cruz na Cidade do Rio de Janeiro. Poeta sacro, escritor de autoajuda, cartunista, compositor e cantor gospel. Estudou desenho, piano clássico, pintura sobre tela, começou 3 cursos superiores, mas desistiu. Publicou 130 antologias e 43 livros em carreira solo. Diácono, ama a vida e sobretudo O Senhor Jesus Cristo!!!

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fernando Carvalho: De família humilde meu pai foi carpinteiro, minha mãe dona de casa, com três filhos. Fui participar da peça teatral A Odisséia De Cristo e conheci o poeta Manuel que me indicou o editor Aparício Fernandes onde eu estreava na antologia Escritores do Brasil 1987. Quando eu lutava para evangelizar iniciando uma jornada árdua e espinhosa.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Jesus Cristo, Minha Esperança" (Editora Gaya). Poderia comentar?



Fernando Carvalho: Publiquei esta obra com muito entusiasmo: JESUS CRISTO, MINHA ESPERANÇA, editora Gaya. Aqui foram inseridos poemas sacros em versos livres. Com o objetivo de divulgar o Reino de Deus, eu prossigo avante com todo entusiasmo!!! Publiquei também pela Litteris editora, Taba Cultural e outras. Aprendi a amar a escrita e falar de Jesus Cristo Nosso Senhor! Estou muito feliz e ofereço esta obra a todos que estão as margens da sociedade. Deus me ensinou a amar e servir! Nunca desista dos seus sonhos, lute com garra, entusiasmo e determinação que sua hora vai chegar!!!

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Fernando Carvalho: Minhas maiores inspirações está na Palavra de Deus e no meu culto doméstico todos os dias! Quando me

converti foi depois de tentar um fim na minha trajetória, quando minha tia me chamou pra ir a igreja Batista de Cosmos; eu fui desligado da vida militar e vivia um trauma constante. Hoje sou feliz Jesus mudou a minha vida! Sou um escritor que perdeu para ganhar!

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fernando Carvalho: Um trecho do meu livro quero apresentar:

Sua presença nos regozija!
Traz acalento para as nossas almas!
É refúgio e fortaleza!
Traz vigor ao cansado,
É alento para os nossos corações!
É um bálsamo para as nossas Chagas!
Refrigera as nossas almas!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fernando Carvalho: Meus livros estão no acervo da biblioteca Nacional, www.livrarialitteris.com.br, no meu Facebook Fernando Luiz de Carvalho, Instagram [diacono.fernando](https://www.instagram.com/diacono.fernando)

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Fernando Carvalho: Minhas dicas para se tornar um profissional da escrita é: amar os livros, estudar todos os dias e estar informado, escrever aquilo que aprendeu, como no esporte, na gastronomia, no cinema, na TV, na Internet, na igreja, enfim. Jamais desistir e ter entusiasmo, motivação, intrepidez, etc. Distribuir seus livros como se fosse pão, rosas, mel e amor!!!

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fernando Carvalho: Meus projetos é trabalhar com a escrita, o desenho, a música, a palavra verbal e o canto para evangelizar o mundo! Não esqueça que a vida continua depois da morte física. Precisamos trabalhar para fazer um mundo mais feliz e prazeroso!

Perguntas rápidas:

Um livro: a Bíblia Sagrada

Um ator: Tarcísio Meira

Um filme: A história de Cristo

Um hobby: escrever livros e músicas

Um dia especial: Natal e Confraternização universal

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fernando Carvalho: Para encerrar, desejo que você ame muito sem preconceito e discriminação, ajude às vidas que estão às margens da sociedade, dê um abraço naqueles que estão aflitos, lute pela justiça social, ande com amor, leia a Bíblia todos os dias, ande com Jesus Cristo e cumpra bem com a sua missão!!! Faça o seu culto doméstico com sua família, cante louvores a Deus, viva para amar e servir!!! Invista no Reino de Deus!!! Dê a vida por Cristo Jesus!!!

Meu canal no YouTube é: Fernando Carvalho adorando O Senhor Jesus Cristo (inscreva-se para me ajudar e deixe uma mensagem).

NOVOS VÍDEOS NO CANAL +

▶ CONEXÃO NERD

INSCREVA-SE

@CONEXAONERD

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE



ENTREVISTA COM FERNANDO SYPRIANI



Fernando Sypriani

Como escritor, um sonho realizado. Gosto de escrever e de livros desde criança, e claro que o gênero fantasia sempre foi minha paixão, sou agricultor e nasci em família humilde. Minha mãe é analfabeta e meu pai tem o fundamental, é um orgulho ser escritor e ter este livro lançado no momento em e-book, mas no meio do ano teremos a versão física pela editora Kotter, com distribuição nacional. Moro no Vale Europeu (Santa Catarina) e sou filho de imigrantes italianos e alemães, tenho ensino médio, de dia as mãos são usadas na lavoura e de noite na escrita.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fernando Sypriani: como todo começo é difícil, principalmente para mostrar ao público o quanto seu trabalho é bom, o e-book pela editora Literando foi muito bom, pois ela é uma empresa seria e transparente.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Aron Peter - O senhor da Magia". Poderia comentar?



Fernando Sypriani: este livro é a realização de um sonho. O personagem leva o nome de meu irmão falecido aos 13 anos de vida, era especial, immortalizar seu nome nesta obra é tudo, além de uma história de fantasia com muita magia, dragões, elfos, bruxos e criaturas místicas, como mula sem cabeça e o bradador, ambientado no Vale Europeu e Serra Catarinense, lugares mágicos por si só.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Fernando Sypriani: as lendas e folclores universais, a era medieval e claro o próprio vale e montanhas da Serra Catarinense, amo o inverno por isto ele faz parte da história, as lendas, como mula sem cabeça, bradador, elfos e bruxas, são elementos que me inspiram a maga da imaginação sem limites e sem preconceitos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fernando Sypriani: os personagens são leais e juntos buscam conquistar enfatizando a verdadeira amizade, e o valor familiar e humano. Assim sonhar e imaginar faz parte e nos leva a mundos extraordinários, onde as criaturas do bem e do mal duelam assim como na realidade para pôr na prática suas ideologias.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fernando Sypriani: <https://www.instagram.com/fernando.sypriani> no Instagram, facebook, WhatsApp: (47) 984008861 para informações e compra do físico direto com o autor para todo brasil, e a venda do ebook na Amazon: <https://www.amazon.com.br/Aron-Peter-senhor-Fernando-Sypriani-ebook/dp/B0CTCYKZJN>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Fernando Sypriani: não desistir, pois as dificuldades estão presentes, escreva seu livro no segmento que lhe agrada e explore coisas e lugares perto de você.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fernando Sypriani: sim, Aron Peter o senhor da magia é uma trilogia e o segundo livro já está sendo escrito, lembrando que em junho será o grande lançamento em nova edição pela editora Kotter.

Perguntas rápidas:

Um livro: O senhor dos anéis

Um ator ou atriz: Daniel Radcliffe

Um filme: trilogia Senhor dos anéis

Um hobby: escrever, uma terapia

Um dia especial: o dia em que meu livro ficou pronto e foi publicado

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fernando Sypriani: o amigo leitor de ficção e fantasia vai se surpreender com Aron Peter – O Senhor da Magia, uma história cheia de magia, criaturas mágicas e lugares místicos. Obrigado por comprar meu livro, ajudar um escritor será sempre muito bem-vindo.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM ANTOINE DE BOURJ HAMMOUD



Antoine de Bourj Hammoud

Autor do livro *Angeli In Terrenis Processionibus* (Editora Atlântico)

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Antoine de Bourj Hammoud: Desde jovem, adolescente, que senti impulsos para escrever. Às vezes, escrevia conteúdos poéticos que iam, em alcance, além de minha própria compreensão. Aos dezessete anos, escrevi: “A multiplicidade de coisas é estonteante, macro e microcosmos relacionam-se em caminhos infinitos, constituindo um cenário imparcial onde se trava uma luta em meio à evolução”. Muitos anos depois,



soube que eu também era médium de inspiração. Minha primeira publicação foi em uma editora que, à época, no início dos anos oitenta, pertencia a Cristina Oiticica, esposa do escritor Paulo Coelho, e que se chamava Shogun. A publicação se chamava Momento Literário. E então passei a publicar escritos diversos, constantemente.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Angeli In Terrenis Processionibus". Poderia comentar?

Antoine de Bourj Hammoud: Nos últimos anos tenho escrito sistematicamente quase todas as noites, e tenho publicado dois livros por ano, em média. Com o passar dos anos noto um amadurecimento, em mim, não só sob o aspecto literário como também sob a ótica mental-espiritual, pois o evoluir é da Lei e de nosso alcance e interesse.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Antoine de Bourj Hammoud: meu processo de criação é simples: à noite, em penumbra, a solidão, e o silêncio com músicas – Pink Floyd, Wagner, Philip Glass, Jean Michel Jarre, Vangelis, Joan Baez e outros tantos. Inspiro-me na sensação do Eterno, nas intuições intelecto-espirituais, cedendo espaços em mim às manifestações das energias que buscam se infiltrar nas compreensões.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Antoine de Bourj Hammoud:

Tenho medo de partir, antes de me todo recitar
Preciso do perdurar, deste instante do eterno
E por todo o sempre, se por aqui me espero
E só sei que ressuscito em poesias
Pois tudo que é eterno, retorna e persiste
E aí, sinto que sempre soube do que faz sentido
Mas os poemas sempre me exigem a melhor das disposições, pois
Para cima ou para baixo, os espaços se encontram por todos os lados
Mas que me disponha, então, a percorrê-los
Nos espaços e tempos dos instantes deste eterno de repente
E como se fosse ainda, em piscar de olhos do Eterno
Que tudo preenche, nos exatos momentos desses milênios
Mas, ah! Poesia! - é o ponto do grão de areia!
Sentindo os infintos, de praias lhe sorrindo!
Em ventos soprando, em miríades que inspiram!
E com os olhos cerrados, que suspiram!
Com deuses, em cortejos à volta!
E com o tudo de todos, no sempre agora!
E, assim, como o não ir-se embora!
Em si e de si, e por toda essa minha perpétua hora!
E vai, e volta! - e vai!
Ah! Poesia! - fica!
Pois, todos os saberes são os dos doces encantos!
E por infindáveis e totais sutis meandros!
Onde, os infintos, são pontos
Que se relacionam com o nosso todo

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Antoine de Bourj Hammoud: O livro pode ser adquirido junto aos pontos de vendas ou diretamente com a Editora Atlântico, ou, ainda, comigo diretamente pelo meu e-mail: marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com. Se desejar bater um papo sobre espiritualidades, esoterismos, cosmologias e filosofias também pode me chamar no meu WhatsApp: 981399034. Meu nome é Marcelo Gomes Jorge Feres.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?
Terem muita paciência, pois os frutos de tal árvore espiritual não têm data e prazo certos para a sua colheita. Preciso ler e estudar bastante, pois o bem escrever é função do bem

pensar, do questionar e do querer criar, em suma, do *thaumázēin* criativo, desse espanto que temos diante da totalidade das coisas que são, e na qual estamos insertos.

Antoine de Bourj Hammoud:

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sim, já estou terminando meu 23.º livro, que se chama *Reficiat Mundum*, e que será de autoria de Tibério de Tribschen, o “autor” da vez, como já o foram, como exemplos, Sargon Da-Ryavus e Natanael de Averno, além, é claro, do Antoine e do próprio Marcelo.

Antoine de Bourj Hammoud:

Perguntas rápidas:

Um livro: O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

Um ator ou atriz: Nicole kidman

Um filme: O Labirinto do Fauno

Um hobby: Plantar mudas e ouvir os murmúrios de matas

Um dia especial: todo dia o é

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Antoine de Bourj Hammoud: A literatura é a verdadeira *Tábula Rasa*, nós não o somos. Nós somos frutos de sementeiras passadas que nos plantamos em nós mesmos, e que deveríamos decididamente colher-nos, ao longo de muitos tempos, para que nos aprimoremos como sementes. A caminhada é eterna e sempre presente, neste *Sub specie aeternitatis*, onde a *Natura non facit saltus*, e onde nos sagraremos Arcanjos perfeitos. Poesia? Ora, são apenas poemas, mas que nos contêm no mesmo tanto em que saboreamos essa totalidade inexplicável com todos os esplendores de todos os nossos compreensíveis encantamentos.



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00.
Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas:
R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

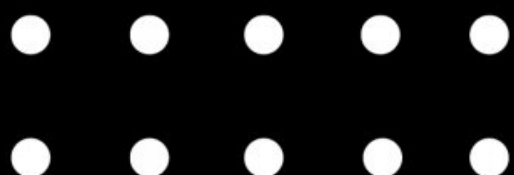
Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

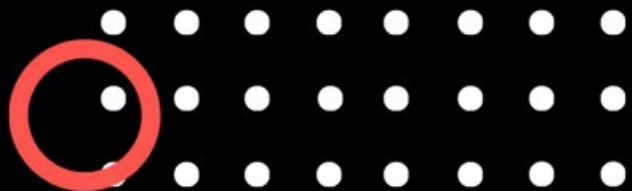
O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

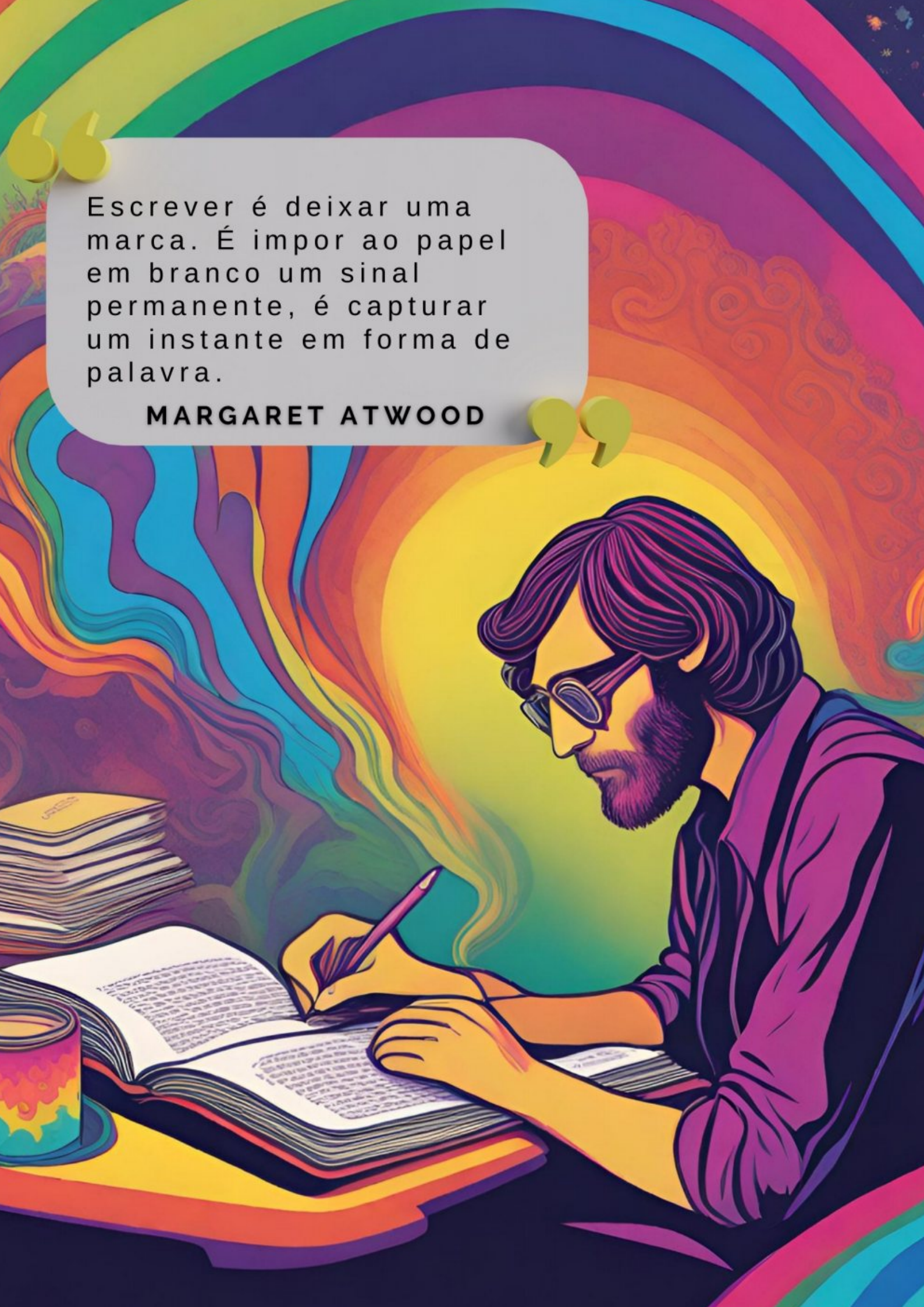
NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org



CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





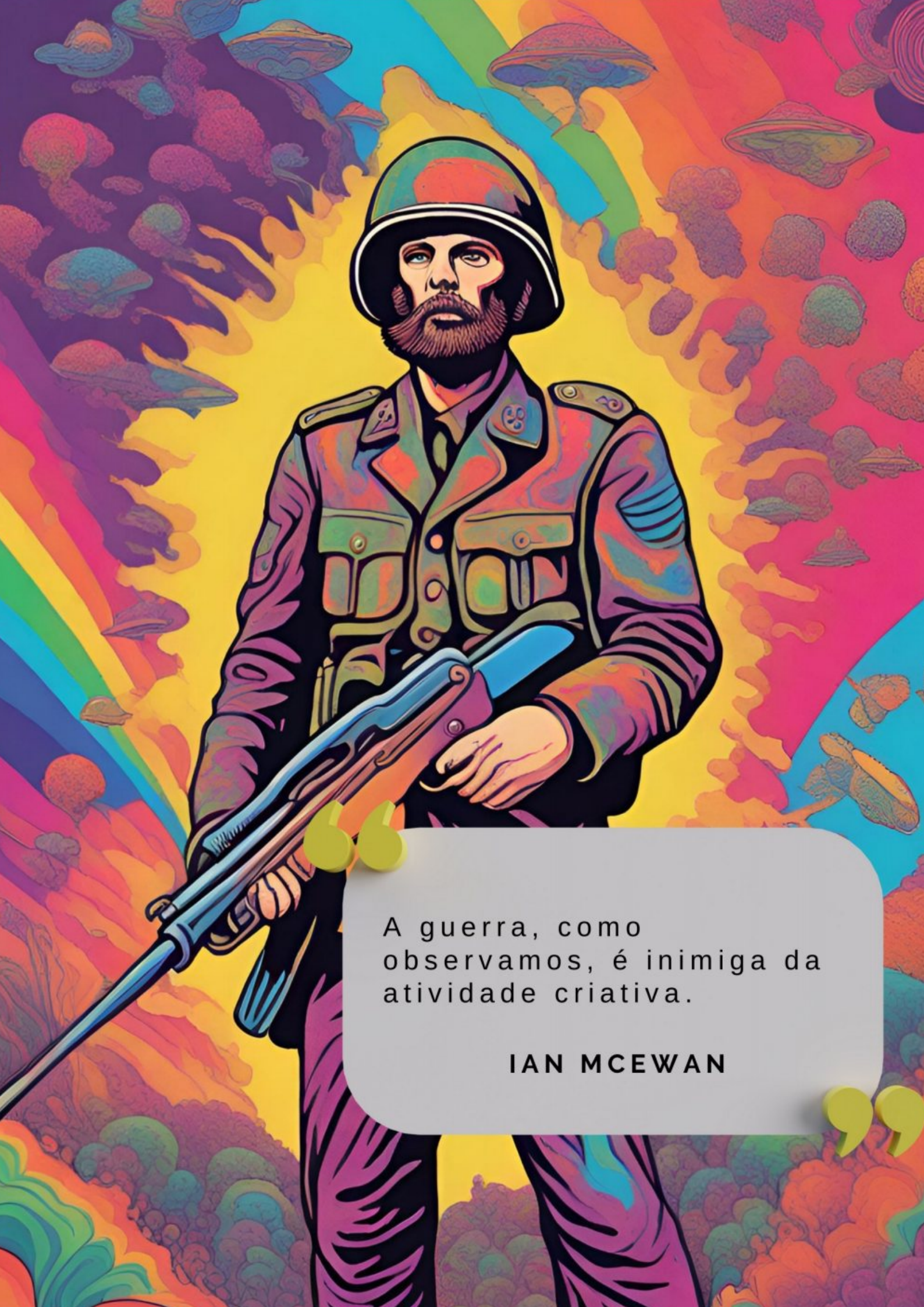
Escrever é deixar uma
marca. É impor ao papel
em branco um sinal
permanente, é capturar
um instante em forma de
palavra.

MARGARET ATWOOD



Quando você sair da tempestade, você não será a mesma pessoa que era quando entrou. Esse é o objetivo dessa tempestade.

HARUKI MURAKAMI



A guerra, como
observamos, é inimiga da
atividade criativa.

IAN MCEWAN

TIRE O SEU CONTO
OU POEMA DA GAVETA



ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

CONTO
POR ROBERTO SCHIMA



UM RELATO DO MEU AVÔ

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Quem disse que as cigarras cantam, certamente nunca teve uma delas próxima à janela do quarto, fazendo o seu zumbido estridente, espantosamente alto. Alguém já tentou cochilar ou se concentrar num livro sob tal serenata? Dizem que o ruído chega a alcançar 120 decibéis! Sabe o que é isso? É o equivalente a um tiro, um trovão, um avião a jato! Um trovão contínuo ecoando nos ouvidos.

Canto? Dê-me o nome do poeta.

Está mais para uma sessão de tortura!

Não é uma cantada do "cigarro" para a cigarra. É mais vencer pelo cansaço. Até poderia dar margem a uma história picante, desvirtuando a fábula infantil. É o que ocorre agora, pois há uma árvore próxima onde as cigarras adoram fazer de motel.

Xingo o que posso e o que não devo.

Sem conseguir dormir, conformo-me em apanhar minha caneta para anotar a lembrança de uma narrativa que essa algazarra nupcial do inseto me trouxe.

Para alguma coisa tinha que servir...

Não me recordo exatamente quando ouvi essa história de meu avô. Ele ainda estava vivo — Óbvio! — e gozava de boa saúde, de forma que eu deveria ser jovem, adolescente talvez.

Para um japonês, o *di* Suminori era alto. Também era magro, de poucas palavras e mantinha uma postura altiva e orgulhosa. Também possuía aquele costume nipônico machista de caminhar à frente da esposa — minha *bá* Fujiko —, cerca de um metro adiante. Fico imaginando que, caso utilizasse transporte público e só houvesse uma vaga sobrando nos assentos, ele a utilizaria, deixaria minha avó de pé e, ainda por cima, com ela carregando as compras...

Tudo é meio nebuloso para mim, afinal, tantas décadas se passaram e, ademais, nunca aprofundi o assunto para saber detalhes. Embora criado e mimado pela *bá* até os sete anos, nunca tive maior proximidade com ele. Achava-o um tanto intimidador por trás de seus óculos de aros grossos, sem contar que passava a maior parte do dia fora, trabalhando de motorista. Eu era um garoto, e garotos não estavam preocupados com profundidade e sim com o imediato. Assim, corro o risco de omitir detalhes ou inserir outros que não existiram. Talvez, a exemplo das histórias de pescador, seja melhor não me preocupar tanto com a veracidade, mas dramatizar, exagerar ou até inventar, torcendo para que a essência do ocorrido fique impregnada na mente do leitor. Não sei como calhou dele começar a contar essa história, afinal, como mencionei, o *di* Suminori não era de falar muito.

Relatou que era de noite e estava em uma caminhonete.

Não me recordo se ele a dirigia ou era passageiro, mas presumo que, dado o horário, estivesse retornando do trabalho na lavoura. Devia ser jovem, antes de vir para a

capital. Exceto pelos faróis do veículo e as estrelas no céu, tudo era um breu só. Era matagal ou alguma plantação de ambos os lados da estradinha.

A primavera encontrava-se no início.

Ouvia-se a cantoria ensurdecadora das cigarras.

Fora isso, um vento ocasional na folhagem e o ranger dos pneus no chão de terra batida, tudo o mais era silêncio.

Calculo que o pessoal da caminhonete só queria chegar em casa, tomar um bom banho, jantar e dormir. Parecia que a rotina de mais um cansativo final de dia iria se cumprir.

Contudo, não foi assim.

— O que é aquilo? — falou meu avô.

Mais à frente, na escuridão muito além da luz dos faróis, algo surgiu. Era um par de luzinhas mais ou menos da mesma altura dos faróis da caminhonete. Os ocupantes do veículo ficaram intrigados.

— Decerto, outra caminhonete — respondeu alguém.

— Mas por que está seguindo o sentido contrário?

A moradia dos lavradores ficava na direção oposta. Ninguém tinha mais nada a fazer na roça à noite.

— Devem ter esquecido algo importante, uma ferramenta.

— Ou traz um rabo de saia junto e quer debulhar o milho — falou outro em tom de malícia.

"Debulhar o milho" era uma espécie de código para se fazer bobageira, tipo olhar atrás do toco.

Riram, mas foi um riso nervoso.

O par de luzes continuou se aproximando deles. Era branco ou branco-azulado. Não piscava ou trepidava, apesar do terreno bastante irregular.

Até que um dos ocupantes — talvez meu avô — se lembrou:

— Mas, diacho, não tem nenhuma outra caminhonete na fazenda!

O comentário do *di* Suminori foi como uma deixa para o que veio a seguir.

De repente, uma das luzes seguiu à direita; a outra, à esquerda.

A cantoria das cigarras silenciou de imediato.

A folhagem não mais farfalhou.

O vento parou de soprar.

O veículo freou.

Os olhos de todos se arregalaram, sem entender o ocorrido.

— Como a caminhonete fez isso?

— Partiu em dois?

— Cês tão doido? Partiu nada.

— Então, o que foi aquilo?

Boquiabertos, respiraram fundo, enquanto a poeira da estrada se dissipava.

A distância em que o fato ocorrera ainda era grande demais para permitir que os faróis da caminhonete ocupada pelos homens iluminasse o outro veículo ou fosse lá o que fosse.

— O-o-o que foi aquilo?

— Vamos pensar direito. Pode ter sido dois vagalumes!

— Só pode tá brincando — falou meu avô. — As luzes estavam longe. Nenhum vagalume iluminaria tão forte. Nem ficaria lado a lado na estrada por tanto tempo a mesma distância um do outro e altura do chão.

— Ah, é, espertinho? Diga-me o que foi...

Meu avô não usava óculos na época, mas ainda que sua visão fosse perfeita, a escuridão não possibilitara distinguir coisa alguma. Só o par de luzes se separando em sentidos opostos, transversalmente à estrada. Pensou e chegou a uma conclusão:

— Duas motocicletas. É isso! Viajaram lado a lado, batendo papo, depois, chegou no cruzamento e cada um seguiu seu caminho.

Os demais esforçaram-se por acreditar na hipótese.

Todavia, enquanto falava, meu avô era o primeiro a duvidar das próprias palavras. Se fossem de fato as luzes de duas motocicletas, quando cada um descreveu um ângulo de noventa graus, devido a própria constituição do farol, as luzes teriam diminuído significativamente de intensidade, senão sumido da vista deles. E não foi o que aconteceu. Elas prosseguiram sem alteração.

O veículo andou.

O vento tornou a soprar.

A folhagem farfalhou ruidosa.

As cigarras reiniciaram sua algazarra.

A constatação de não serem motocicletas surgiu dezenas de metros à frente.

— Cadê? Cadê? Cadê?

— Cadê o quê?

— Oras, a encruzilhada!

Não havia nenhuma na estrada!

As plantações ou matagais prosseguiram muito depois do que seria razoável supor que as luzes misteriosas partiram.

O *di* Suminori, agora idoso, encerrou sua narrativa como quem esperasse uma solução.

Estávamos na cozinha: ele, eu, a bá Fujiko, minha tia e seu marido, o qual, por afinidade, eu chamava de tio. Foi este quem se manifestou:

— Eram OVNI's!

Meu avô franziu a testa, sem compreender.

O genro explicou:

— Objeto Voador Não Identificado. Desde o fim da II Guerra Mundial estão sendo vistos. Alguns acreditam que na guerra também. Chamavam de *foo fighters* ou alguma coisa assim.

O *di* continuou não entendendo, olhar meio irritado por trás dos óculos.

— Naves espaciais de outro planeta — disse meu tio. — Estão vigiando a gente.

Embora criança, quase pude ler os pensamentos do *di*. Qualquer coisa como se indagar se o genro seria tão ou mais maluco que a história que acabara de narrar. Extraterrestres era o tipo de explicação que nada explicava, como anjos ou fantasmas. Nos tempos atuais, além dessas opções, as pessoas poderiam falar em raio globular, hipótese que, pelo menos, os cientistas levariam a sério, apesar de tampouco terem uma explicação satisfatória para tal fenômeno.

De qualquer maneira, ao menos meu tio deu seu palpite. Quanto aos demais — inclusive eu —, ficaram sem saber o que dizer. Meu avô, se tinha uma opinião própria, omitira-se de falar. Todavia, fitara-me longamente, como se pretendesse me enviar outra suposta mensagem telepática. Não captei o sentido. Talvez acreditasse que o mundo fosse mais complexo do que nossos olhos alcançavam. Talvez lhe faltassem palavras para tentar explicar o inexplicável. Talvez fosse mais fácil crer em monstros do espaço, assombrações ou milagres divinos do que, na época das luzes, fora acreditar na derrota do Japão.

É de madrugada. Conclui a anotação do quanto eu me recordava.

Relato verídico ou meio verídico de um fato extraordinário, em geral não tem um epílogo.

Não deveria.

Pois é estranho, só após pressionar o ponto final, dou-me conta de que as cigarras silenciaram. Talvez tenham ido dormir após todo o forrobodó lascivo, mas não acredito. Torno a xingá-las por menos que adiante ou mereçam.

Se eu estou com medo? Pode acreditar que sim, caríssimo leitor.

A ventania que agitava os galhos e a folhagem da árvore também cessou.

A escuridão é quebrada por uma luz branco-azulada que atravessa a venezianas.

O silêncio predomina de um modo que jamais presenciei em toda a minha longa vida.

Pelo raios parta, sou um idoso agora. O que será que essas coisas malditas querem comigo?

NOTA DO AUTOR:

Faz alguns anos que escrevi esse texto. Uma versão condensada foi publicada na antologia “Histórias Ignoras” (EHS Edições, 2021), organizada por Eriberto Henrique e Luiz F. Haiml. Indagando hoje, 22.01.2024, a minha tia Kiyoko Imagawa a respeito do episódio, ela mencionou: “... *Sim... Sempre falavam disso e com muita convicção... Eles vinham a noite voltando de outra fazenda... O caminho era entre plantação de café e bem estreito... Daí viram luzes vindo... Ele disse que pisou o farol e ficou esperando... Mas nada... Daí resolveu ir em frente... Mas não*

cruzou com nada... Não havia nenhum desvio pelo caminho... ???????? Isso foi na década de 1940... Entre as cidades de Gália e Vera Cruz... Eu não era nascida... O carro dele era um Ford Bigode... O pai do Di foi preso na época... por desacato xingou um guarda em japonês kkkkkkk..."

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasma de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de trezentas antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais
e fique por dentro do que acontece
no mundo dos livros*

 **@revistaconexaoliteratura**

 **@conexaoliteratura**

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

A middle-aged man with a serious expression stands on a green artificial turf field. He is wearing a dark blue short-sleeved soccer jersey with white piping on the sleeves and a small crest on the left chest. He is also wearing matching dark blue shorts with a crest on the left leg. His hands are on his hips. The background is a blurred wall and sky. The image has a torn paper effect at the top and bottom edges.

CONTO
POR LUCIANA SIMON
DE PAULA LEITE

A PARTIDA DE FUTEBOL

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Américo esticou a camiseta do time de várzea, denominado “Amadores do Bragantino”, que frequentava há cinco anos, com treinos todas as quintas-feiras às 19:00 horas, existentes jogos programados com outros times de categoria similar das cidades próximas.

Sim, estava com um pouco de barriga e os cabelos começavam a rarear na altura das têmporas e na parte de trás da cabeça, a famosa auréola no meio do crânio. Possuía 49 anos, trabalhava como corretor de seguros e sua vida era tranquila. Casado com Eunice, cabeleireira, tinham dois filhos, José Carlos e Suzana, o primeiro com dezesseis anos e a última, estava já com nove anos de idade. Apresentava hábitos módicos, residia em casa própria e as férias escolares dos meninos eram passadas invariavelmente em Praia Grande onde morava a mãe de Eunice, Dona Angelina. Seu carro, do tipo sedan da Chevrolet, havia sido adquirido há cerca de oito anos, mas como Américo era bastante cuidadoso, levando o automóvel regularmente para manutenção na oficina do Chiquinho, mecânico de sua confiança situado no mesmo bairro, pessoalmente limpando e encerando semanalmente o veículo na frente da casa térrea, a aparência do meio de transporte familiar não poderia ser melhor.

Não obstante ostentar poucas ambições, era possível destacar um desejo indissimulável. Queria ser reconhecido como o melhor goleiro de time de várzea da cidade. Sua ossatura era sólida, apresentava 1,86 m de altura, considerava a própria musculatura forte. E como estava acima do peso, livrar-se da corrida contínua na tentativa desesperada de, antes de conseguir chutar a bola rumo ao gol, não receber uma canelada daquelas de ver estrelas, era uma estratégia inteligente. Apresentava a veleidade de se ver admirado pelos colegas de peladas. Seria ele o “salvador”. Aquele que iria definir o jogo, já na prorrogação. E não, sem pênaltis porque até no imaginário seria uma legítima tortura. A questão consistia no Roberto Cardoso. Sujeito insuportável. Era dono de uma churrascaria bem frequentada na cidade e a riqueza material não se apresentou apartada dos enormes esforços do Seu Geraldo, pai de Roberto, que começou quando jovem ali mesmo, a três quilômetros da casa de Américo, com um boteco humilde, vendendo cachaça, torresmo e salgados populares. Quem diria, o pai tão gente boa e o filho, aquele troço arrogante.

Mas como negar que Roberto, todo sorridente e convidando os jogadores do Bragantino para happy hour regado a chopp e calabresa fatiada com cebola gratuitamente, possuía a preferência dos companheiros de time? Não tinha como competir. Precisava superar o cidadão agarrando a bola. A que custo fosse inclusive acabando com o joelho e se ralando no campo sem gramado. Américo era um pouco introvertido socialmente, restringindo-se sua polidez e habilidade ao tratamento dos clientes, profissionalmente.

Perdido nessas divagações, foi interpelado por Eunice.

— Que foi, está tão calado! Ficou boa essa camiseta, está mais folgada que a anterior, pode ficar tranquilo!

— Ai, querida, não é nada disso...estou preocupado de não conseguir a vaga de goleiro para jogar o mês que vem contra o Ituano Júnior.

Eunice conteve o riso, o marido parecia criança com essa história de jogo de futebol. Aliás, embora ouvisse de algumas clientes que elas gostavam de assistir jogos futebolísticos, estava aí uma coisa que jamais iria compreender. Um bando de homens se digladiando para chutar uma bola numa rede e outro bando gritando alucinadamente por causa da empreitada. Aquilo era algo absolutamente irracional. Mas precisava estimular Américo, coitado, era o sonho dele.

— Ah, você tem muita chance! Está sempre treinando, te vejo assistindo com muita atenção os jogos de futebol na televisão, em especial os lances repetidos várias vezes nos programas das melhores e piores jogadas.... digo, defesas. Pensando na posição do goleiro. Você vai ver!

Seguiu-se o silêncio total de Américo, finalizado por suspiro profundo e demorado.

— É. Vamos aguardar. Chance eu tenho.

Fundamentalmente, além de gostar de jogar futebol, Américo queria ser admirado e prestigiado pelos colegas. Exercer a importante função de goleiro exigia muita coragem do jogador. E ele tinha essa qualidade.

Beijou a mulher e dirigiu-se ao local de treinamento, área aberta em terreno baldio da prefeitura, descampada e bem próxima da rua em que residia. Foi a pé mesmo, olhando ininterruptamente para o céu, já quase escurecido. Pensou consigo:

— Hum, o céu não está encoberto e a temperatura está gostosa, sem aquele calor infernal que estava fazendo até a semana passada. Acho que vai ser bom treinar hoje. E depois terá a cervejada habitual só que dessa vez, ainda bem, na casa do Mané Souza, que tem uma churrasqueira no quintal com bom espaço para a gente ficar.

Não tardou para que chegasse ao campo e, lamentavelmente, desse de cara com Roberto um homem alto, magro, que não parava de sorrir comercialmente como um apresentador de programa televisivo, falso como ele só. Mas que desagradável, nunca iria entender por que essa energia atrativa daquilo que se quer, justamente, evitar. Pensou em fingir desligamento, mas sequer teve tempo para tanto.

— Américo, que bom que você está aí! — disse o outro, em tom de animação absolutamente desnecessário e exagerado. Não lhe coube diversa alternativa a não ser responder, não podia ser mal-educado:

— Ah... oi. Tudo bem? — seu ar lacônico pareceu divertir o grande ator. Aquele merecia certamente um Oscar se houvesse essa premiação na cidade.

— Ah, eu estou sempre bem! Espero que você também! Preciso te contar a novidade, estou muito feliz e você pode me substituir no banco, não é legal?

Américo sentiu um arrepio gelado na boca do estômago. Como assim, substituir o que?!

Após o susto, ouviu a própria voz:

— Não entendi, Roberto... qual partida?

— A que iremos disputar com o Ituano Júnior! O Alberto me comunicou agora. É uma partida importante no campeonato extraoficial. Vou dar o meu melhor e conto com você, caso eu me machuque! Até!

O sujeito saiu com o mesmo sorriso descarado no rosto como se nada houvesse acontecido.

Américo sentiu um calor lhe subindo às faces. A respiração ficou curta, a boca amargou e uma raiva extrema o acometeu. Como poderia Alberto, o técnico de araque (nada além de um dos “amigos” do grupo que se dispunha a palpitar a propósito do tema), esquecer de sua existência? Por acaso seria ele um ser fantasmagórico, transparente e indiferente? Se Roberto estava alardeando aos quatro ventos que iria jogar é porque o resto do time já tinha conhecimento a propósito. Diante do caráter informal da organização, sempre discutiram em grupo os assuntos mais importantes inclusive quanto às posições de cada jogador em campo. Apressou o passo. Viu Alberto sentado numa cadeira de plástico vermelha, perto da trave do gol. O restante de sua visão ficou escurecido, seu único foco era o pseudotécnico.

— Oi, Américo, tudo bem com você? Ah, eu precisava mesmo trocar uma ideia contigo....

— Não está tudo bem, Alberto. Acabei de cruzar com o Roberto que me comunicou que irá jogar com o Ituano Júnior. Você por acaso esqueceu que eu também estava treinando e tinha interesse em atuar nesse jogo? Não entendi!

Alberto pareceu sem graça e tossiu duas vezes antes de retomar a conversa.

— Então, Américo... nós fizemos uma votação porque ambos, você e Roberto queriam jogar...foi no sábado à tarde, no bar do Orozimbo. Nem você nem o Roberto foram chamados, ele também não sabia de nada... diante da natureza amigável do nosso time e de forma absolutamente democrática, quem ganhou a votação do próprio pessoal foi o Roberto....

Américo ficou chocado. Faltou-lhe na realidade voz. Então aqueles homens, que ele considerava como seus camaradas, seus “chapas”, alguns quase irmãos, tinham decidido supostamente qual jogador iria para o gol sem qualquer comunicação sobre o “pleito eleitoral”, qualquer transparência e ainda, possibilidade de ele fiscalizar a seriedade daquele procedimento, mesmo que por intermédio de outra pessoa que presenciasse a solenidade, regada a cerveja? Por alguns minutos, calou-se. Uma tristeza enorme o invadiu. Sim, não era de hoje que sabia que a hipocrisia grassa na sociedade, é um modo de sobrevivência, um instrumento necessário ainda que de modo mínimo, conforme ele considerava. O próprio Américo para lidar com os clientes precisava ter paciência, relevar frases grosseiras, tons impositivos e desrespeitosos, algumas vezes e até mesmo, injúrias. Exercia seu papel com profissionalismo. Mas como ser humano, gostava de ser ele mesmo. De dizer a verdade. E não fingir bondade, simpatia e muito menos, amizade ou coleguismo. Precisava reagir pois calar seria mais prejudicial à saúde.

— Entendi.... então, não se preocupe, Alberto. Vocês agora têm um único goleiro. Vou embora para nunca mais voltar aqui.

Alberto, surpreso e um pouco agitado, rapidamente ponderou:

— Não, que é isso, Américo, você é nosso amigo, joga bem, não leve para o lado pessoal! O Roberto apenas está mais treinado e é mais novo do que você! Não faça isso!

Américo, rapidamente, falou:

— Sabe, Alberto, eu sou um cara que se esforça bastante para manter o respeito. Fazer a minha parte. Não deixar ninguém na mão. Se você quiser ou qualquer um tiver vontade de me chamar de temperamental, imaturo ou o que quer que seja, realmente não me interessa. Eu sempre fui companheiro e honesto com vocês. Mas pelo visto, fui subjugado como se eu não fosse capaz de perceber preferências, interesses, troca de favores e veja, por bobagem, é só um jogo de futebol que apenas para mim, pois não acredito que Roberto realmente fizesse questão de ser goleiro nessa partida, era importante porque eu disse que gostaria de jogar contra o Ituano Júnior.... Então, infelizmente esse time realmente não é para mim.

Alberto ficou calado, bastante sem graça. Não podia deixar de intimamente reconhecer que foram egoístas e não pensaram nos sentimentos de Américo, que era um bom sujeito. Também não era ingênuo, sabia que Roberto com os tais vales-drink amalhava a simpatia dos colegas de time. Era sorridente, falante, elogiava-se bastante quanto à própria capacidade administrativa, sua visão empresarial...era ele, ele e mais ele. Perderam um ótimo companheiro. Mas era mais fácil culpar Américo pela suposta intemperança. E assim o fazia, sem maiores indagações. A vida era isso mesmo.



Luciana Simon de Paula Leite exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado Para nossas meninas, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

CONTO
POR IDICAMPOS



CARREGANDO O FARDO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Foram 365 dias vividos um após o outro, num ano conturbado, ainda bem que as férias esperadas começariam, a esperança de tempos melhores ganhavam horizonte. Deu o resultado da prova final, participou da confraternização na escola, retirou o corpo rumo ao lar.

Na mente trazia um fardo de desgaste, o período passado havia sido angustiante, pois as dificuldades de exercer o magistério corroíam a vocação; trabalhava em excesso, mal tinha tempo para a família, o salário era uma ninharia, promovia uma maratona para chegar até ao fim do mês.

Rosivaldo era destes professores de matemática vocacionado, determinado, explicava quantas vezes fossem necessárias, até o aluno aprender. Acreditava na educação, no conhecimento, na leitura, na expansão das capacidades cognitivas.

Lecionava, no ensino fundamental, numas escolas da periferia, para jovens durante o dia e adultos à noite. Mantinha uma rotina de 12 horas efetivas, quatro em cada turno. Fora os translados de casa pro trabalho, de um colégio pro outro; no total acordava seis da manhã, ia dormir a zero hora.

No café matinal, depois da perturbação do despertador, lembrava do aluno, do primeiro turno, obrigado a largar os estudos pra trabalhar. Arrastava a carcaça, sete horas estava de pé, em frente ao quadro, aguardava os alunos lotarem a sala. Ensina com afinco, porém a alienação da garotada dificultava a aprendizagem, os caras escaldados da pobreza distraíam a mente com as fofocas na internet.

Comia um bate entope, retornava a cena no segundo turno, dava de cara com uma realidade escandalosa. Flagrava a protuberância na barriga da aluna de treze anos, carregando o filho do padrasto, receosa de revelar ao conselho tutelar a paternidade espúria. A mocinha, visivelmente constrangida de ser mulher, ficava em silêncio o tempo todo.

A noite caía, trazia os trabalhadores, ansiosos de saborear a merenda do noturno, um suculento macarrão com salsicha; pra muitos a primeira refeição, após um dia cansativo procurando emprego. Naquele universo só uma pequena parcela da clientela assistia à explanação da matéria com atenção, a maioria apresentava dificuldade de entender o argumento pedagógico.

Um grupo relevante cumpria dupla jornada: serviço mais deslocamento, carregavam olheiras enormes no centro da cara, pois o transporte coletivo só piorava. Os ônibus abarrotados de esqueletos, associados a malha ferroviária sucateada, compunham o sistema de mobilidade enfartado do Rio de Janeiro.

No fundo do refeitório o olhar cabreiro do garoto vitimado por bullying, discriminado por ser travesti, entristece a narrativa; enfim, a conta nunca fecha, a sociedade cobrava demais, contudo

neca oferecia. Daquele antro de descaso pouquíssimos subiriam na vida, teriam alguma dignidade.

O toque do sinal de saída soava tipo alforria — liberdade antes que tardia — retorno ao seio da família, às lambidas do cachorro, às reclamações dos filhos, à carência da companheira, ao descanso do guerreiro.

Dezembro fazia as malas sem deixar saudade: as notas finais expostas nos diários, o conteúdo descrito na íntegra, o projeto político pedagógico formulado para o período posterior, as horas extras já garantidas no próximo semestre; a missão estava cumprida.

Rosivaldo de alma lavada, superado aquela jornada, almejava relaxar nas férias de janeiro, porque era hábil em resolver os problemas dos outros, no entanto esbarrava na dificuldade de solucionar os seus próprios pepinos... Convivia com a mulher mais cinco filhos, às margens do Rio Botas, nas mediações de Morro Agudo, numa moradia de três cômodos.

O 31 de dezembro chegou, o professor serviu um recheado banquete, rompeu o ano abraçando os afetos, fez declaração rasgada de amor à mulher, presenteou a todos. Esbaldou de alegria, exagerou na bebida, dançou forró feito samba, bambeou as pernas, terminou de porre.

Levantou seco, sacudido pelo ano novo, passava do meio dia, cuspiendo grosso, vomitando uma catanga de álcool; correu pro boldo, bebeu água igual camelo, aplumou o espírito. Ingeriu uma canja feita na panela da dona da casa, temperada com bastante carinho... Reagiu, venceu a ressaca, bateu nos peitos, lascou uns beijos na amada, encarou o carma de frente.

O início do ano, as férias merecidas — show de bola — levou a família pra passear duas vezes na cachoeira de Xerém. Janeiro começava de pé direito, o ciclo lunar ajudava, as crianças iam bem nos estudos, em breve abandonaria aquela vida modesta, a sorte tinha feito as pazes com ele.

Tudo rolava às mil maravilhas, todavia o sábado treze amanheceu de ovo virado, cinzento, repleto de nuvens, não tardou, vieram os trovões, o céu desabou; choveu de cachorro beber água em pé. O Rio Botas meteu a botina nos moradores — transbordou — parecia que o rio havia se revoltado com o lixo da sociedade.

A reprise dos últimos janeiros marcava presença, Morro Agudo virou um mar de lama... Rosivaldo, com a água no pescoço, viu o sofá, faltando duas prestações pra quitar, encharcado de merda, abarrotado de plásticos, boiando num mundaréu de sujeira.

O desespero tomou conta do lance, assistiu à casa descendo correnteza abaixo, presenciou os seus sonhos esfacelados tipo papel, desmanchando diante da catástrofe... Em meio à tempestade, a esposa sumiu, foi tragada pelas águas...

Na hora do afogamento, relatam as testemunhas do momento: a vítima, revoltada, jurou vingança, gritou pra comunidade ouvir que voltaria para levar o vereador do bairro pro inferno...

A coitada, no último suspiro, mergulhada na angústia de ver a vida escoando em direção a morte, encerrava prometendo revanche.

Os mandatários do pedaço, eleitos por voto de cabresto, anunciavam no retorno à normalidade: mundos e fundos. Os fundos do mesmo jeito que vinham, desapareciam num piscar de olhos, sustentavam as mordomias da política local.

No curso do Rio Botas muita botinada, conversa fiada, promessa descumprida, dinheiro desviado, vala aberta, rio assoreado, bomba de escoamento escangalhada, uma tragédia anunciada. A realidade contracena com a leptospirose, mas também um montão de doenças vindas da água podre.

A comunidade chora a pobreza de suas vidas, as perdas materiais, sobretudo a dor de quem fica diante da morte de um ente querido. As lágrimas rolam, o sonho de vencer nessa vida fica distante... Dá um misto de revolta com força pra continuar. Afinal o acontecimento permanece em cartaz, o destino prossegue a Deus dará...

A alagação encerrou, o vereador do pedaço (com um sorriso duvidoso) distribuiu cestas básicas, trouxe carro d'água, pegou criança no colo, apareceu na igreja pra rezar, apertou a mão dos eleitores, subiu no caixote, na beira do rio, fez discurso pra reeleição!

A ladainha, prevista do vereador, tratava de imputar a culpa na natureza, no aquecimento global, na fase da lua, no descarte irracional do lixo no rio, na dona de casa que fala pelos cotovelos, na companhia de esgoto, no fulano, no ciclano, nas férias do secretário de obras, etc. Concluindo a bossa: filho feio assusta até o pai!

O político, distraído, cheio de si, com o ego a florado, discursando um monte de baboseiras, nem percebeu o líquido do córrego retorcendo as entranhas, formando um enorme redemoinho no meio do rio.

Mistério da vida, ou segredo da morte: surgiu uma mão do núcleo do fenômeno, abrindo os dedos, agarrando com firmeza na canela fina do vereador. A assombração puxou o mequetrefe, girou o estropício no sentido horário do redemoinho, arrastando a alma penada para as profundezas das águas, encerrando o mandato do salafrário eternamente.

O último boletim oficial da prefeitura, sobre a enchente, registra cinco óbitos, com dois desaparecidos, sendo o vereador e a mulher do professor. A bem da verdade o caso aterrorizou a área, os moradores ouvem gritos de socorro vindos do rio, em dia de chuva forte.

Os políticos medraram, abandonaram a campanha política na região, temem a maldição do Rio Botas!



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

CONTO
POR NEY ALENCAR



A TERRA QUE NÃO DEVEM IR

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

1910, Monte Otorten.

A terra gelada que cercava os Montes Urais era como um oceano branco e perigoso sob o qual estavam encerrados segredos tão antigos quanto a própria humanidade!

Caçadores naquela parte do mundo eram homens dados a serem supersticiosos, possuíam crenças e contos de fadas estranhos, contos sobre criaturas da neve e coisas amorfas que habitavam e assombravam as florestas escuras e que não gostavam dos homens, porém também eram práticos e levavam uma vida estoica, principalmente por causa da dureza do solo e do frio do ar.

Ouvi certa vez uma história diferente, quase poderia chama-la de bizarra, que muito me impressionou pela maneira que me foi contada e por quem me contou.

O velho caçador que me contou se chamava Alexeynovich, um homenzarrão grisalho, com mãos largas e dedos grossos, alto como um urso cinzento e não menos rabugento, vivia naquelas montanhas desde que fora criado pelo tio, quando o pai e a mãe morreram em uma avalanche. Não tinha medo de nada.

Já não tinha parentes próximos e o mais perto de um sobrinho que possuía era o jovem Nicolai, com trinta e cinco anos que o acompanhava de vez em quando em suas empreitadas de caça mais distantes.

Naquele inverno as presas se tornaram escassas e os lobos e até alguns ursos desgarrados tornaram as caçadas mais perigosas.

Mesmo assim Alexeynovich resolveu seguir para o norte, para além do Monte Otorten, pois nas terras adiante ainda havia muito animais, e talvez acabasse encontrando algumas manadas de renas, que era o que procurava, por causa da carne e da pele.

A neve estava alta e o vento serpenteava e ululava pela encosta da montanha.

Haviam se distanciado muito de qualquer habitação humana e estavam sozinhos naquele lugar solitário. Nem mesmo o povo Manci vinha até aquele local.

Não haviam tido muita sorte até então, as armadilhas que colocaram estavam todas vazias ou haviam sido desarmadas por algum predador mais faminto e ousado que lhes roubara as presas.

Foi então que chegaram ao Monte Otorten e entraram pelo passo que se formava ali.

A linha de pinheiros formava uma parede preta em um dos lados e eles resolveram acampar em uma das clareiras ali, Nicolai iria espalhar armadilhas pela mata enquanto Alexeynovich iria tentar rastrear qualquer animal grande nas redondezas, pois havia sinais de renas passando pela região.

Como havia ainda uma hora de luz do dia Alexeynovich ajudou Nicolai com as armadilhas mais próximas à uns quinhentos metros do acampamento.

A região possuía neve fofa o que dificultava a caminhada, além disso havia uma quantidade incomum de troncos de pinheiro caídos pela mata, o que lhes chamou a atenção, pois não havia acampamentos de lenhadores próximos dali.

Após colocarem as armadilhas retornaram ao acampamento e para sua surpresa perceberam que alguma coisa havia visitado o lugar.

As pegadas que encontraram não pareciam com lobos nem ursos, eram grandes, mais semelhantes à pegadas humanas, apesar de que a neve fofa dificultava o reconhecimento.

Não prestaram muita atenção às pegadas.

Ficaram mais ocupados em arrumar tudo o que o visitante havia espalhado, as madeiras que haviam juntado para o abrigo haviam sido quebradas e jogadas pelas redondezas e um pouco da comida embalada que trouxeram havia sido levada.

Juntaram a lenha para a fogueira e construíram um pequeno abrigo com os troncos mais compridos e largos.

Sentaram-se ao redor da fogueira e comeram o jantar.

Quase que logo em seguida deitaram-se para dormir e Alexeynovich pareceu sentir que estavam sendo observados de algum lugar da mata adiante, mas como não conseguiu ver nada apenas deitou-se e dormiu.

Já de madrugada foram acordados por um barulho alto de galhos quebrando na mata mais distante, como se alguma coisa estivesse andando de um lado para o outro na beira dos troncos de pinheiro, fora de seu campo de visão.

Não havia lua e a luz da fogueira não chegava até lá, havia apenas sombras escuras e além a escuridão da mata que tornava os barulhos ainda mais assombrosos.

Alexeynovich levantou a espingarda, porém ficou com receio de atirar, não sabia o que estava ali, podia ser um urso desgarrado, que com um tiro ficaria ferido e perigoso e poderia ataca-los, ou poderia ser algum viajante ou mesmo um lenhador querendo lhes pregar uma peça e neste caso poderia ferir o infeliz, o que não queria fazer. Esperaram!

O barulho continuou por vários minutos, parando e recomeçando em lugares mais distantes por várias vezes, até que cessou por completo lá pelo meio da madrugada.

Fosse o que fosse não voltou mais naquela noite. Eles não conseguiram dormir.

De manhã os dois entraram juntos na mata para verificarem as armadilhas, e para sua surpresa todas elas haviam sido desarmadas ou quebradas.

Não era coisa de urso. Nenhum animal faria tal coisa da forma como foi feito.

Portanto, começaram a pensar que poderia ser algum outro caçador que os queria espantar, talvez por causa das manadas de renas.

Resolveram ir atrás dos rastros de renas que seguiam mais para o norte.

Foram juntos, Alexeynovich não achou prudente se separarem sem ter certeza de quem é que os estava tentando assustar.

Pelo meio da tarde localizaram uma pequena manada de renas em uma clareira na mata, separaram-se para cercarem a manada e conseguirem pelo menos dois animais, porém antes que pudessem atirar um barulho alto assustou os animais.

Um grande grito rouco e gutural veio da mata, mais atrás deles, reverberando em ecos pelos troncos e fazendo fugir sua presa.

Alexeynovich tomou um susto e errou o tiro.

O som não parecia ser de urso, nem de lobos e muito menos de tigre, pois calhava de às vezes algum tigre descer para aquela região para caçar, mas os gritos pareciam-se mais com a voz humana, em notas fantasmagóricas.

Nicolai havia ficado muito amedrontado com o ocorrido e queria de todo jeito ir embora dali, não queria encontrar quem estava tentando assusta-los.

Alexeynovich havia ficado com raiva por terem perdido uma ótima presa, e disse que se no dia seguinte não conseguissem nada iriam embora.

Retornaram ao acampamento já de noite.

Como antes o visitante estivera lá novamente, havia derrubado o abrigo e levado boa parte da comida embora, desfizera a fogueira e espalhara toda a lenha.

Desta vez eles prestaram atenção nas pegadas e Alexeynovich pode observar que a criatura andava sobre duas pernas, como um homem, o que certamente deveria ser e isto o deixou com muita raiva, pois aquela terra não pertencia a ninguém e portanto não havia necessidade de tentar expulsá-los ou assustá-los daquela forma aterrorizante.

Os dois caçadores arrumaram o acampamento e acenderam a fogueira.

De madrugada o visitante voltou!

Desta vez Alexeynovich estava acordado e pode ver a silhueta grande e peluda que rondava o acampamento, era bem maior que a sua estatura.

Decididamente não era um urso! E não parecia ser um homem também!

Por um instante sua mente divagou sobre as lendas do povo Manci, daquilo que vivia e andava por aquela região e um arrepio gelado desceu por sua espinha, não era prudente enfrentar coisas assim na mata de noite.

Ouviu os galhos estalando quando ela parecia correr pela linha da mata de um lado para outro ao redor do acampamento, fazendo muito barulho e por vezes soltando um gemido áspero e gutural, prolongado, quase como se fosse um grito áspero e muito sinistro.

Desta vez Alexeynovich disparou dois tiros pouco acima da cabeça da silhueta.

O que apareceu assustar o visitante que sumiu na mata e não voltou o resto da noite, mesmo assim eles não conseguiram dormir.

De manhã os dois caçadores discutiram e decidiram que estava na hora de irem embora daquele lugar assombrado. Havia porém as armadilhas mais distantes que haviam colocado quando foram caçar as renas, e Alexeynovich disse que iria busca-las antes de irem. Nicolai ficaria no acampamento e arrumaria tudo para partirem tão logo o outro voltasse.

Quando estava desmontando as armadilhas Alexeynovich escutava de quando em quando um galho quebrando ou o ruído de algo andando pela neve mais fora, mas não viu nada que quebrasse a quietude fantasmagórica que pairava sobre a mata.

Ao retornar para o acampamento percebeu que tudo estava quieto demais, chamou pelo amigo, mas não obteve resposta, olhou de longe porém tudo estava silencioso.

Foi quando percebeu o corpo de Nicolai caído perto da fogueira, correu para ele, que estava de bruços e o virou, horrorizado viu que a língua e os olhos do jovem havia sido arrancados e havia uma grande marca de garras perto do pescoço.

Percebendo que estava sozinho agora, contra a coisa que havia morto Nicolai, Alexeynovich foi tomado pelo pânico e abandonando tudo correu para longe do acampamento, e mesmo ao cair da tarde desceu pelo passo e abandonou aquelas terras amaldiçoadas.

Quando estava longe ainda pode ouvir o grito rouco e gutural que veio da mata, como um aviso!

O grito assombroso de alguma coisa que não era humana!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.



**É LENDO QUE VIAJAMOS
O MUNDO E CONHECEMOS
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.revistaconexaoliteratura.com.br



CONTO
POR IRACI J. MARIN

AQUELES OLHOS

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A voz de Milton Nascimento entrou pela janela do meu quarto trazendo a canção *Aqueles olhos verdes*. Lembrei-me de Carla e de seus olhos perolados. Quando eu a via, meu coração se descompassava e eu tremia de emoção.

Ela estudava em outra turma, com outros colegas. Isto alimentava a minha inveja. Queria ser colega dela, sentar a seu lado, ouvir sua voz, ver seu perfil, sentir seu cheiro. Mas eram outros que tinham este prazer e esta emoção. Ou não era assim? Talvez ninguém se importasse tanto com ela. Podia ser só mais uma colega, uma presença igual a outras, tão importante quanto elas e indiferente para eles.

Eu tinha a impressão de que ninguém se importava com seus olhos de lua e de sol. Ninguém dava importância para a docilidade e o frescor que exalava de seu rosto sereno. Só eu. Não era fixação minha, desejo incontido, paixão desenfreada. Era amor.

Um dia, resolvi enviar-lhe um ramalhete de rosas vermelhas. Tinha ouvido que rosas vermelhas eram indicativo de amor. Senti que precisava fazer isto. Imaginei-a recebendo as flores, ela olhando-as com delicadeza e sorrindo de satisfação. Podia pensar apenas que alguém a cortejava. “Não, Carla, não era isto. Alguém - eu - te mandara flores porque te amava.” Ela não sabia disto. A falta de revelação minha era timidez ou indecisão. Mas as rosas eram um indicativo forte deste amor incontido, nervoso, que me fazia tremer de emoção só em pensar nela.

Quando se aproximou do grupo, eu senti seu sorriso penetrar em minha pele. A saudação geral foi breve, e imediata a revelação: recebera rosas de um anônimo. Senti um calor no rosto, um frio nas pernas, confusão nos olhos. As colegas falaram ao mesmo tempo, vibrando com a surpresa. Os colegas se olharam meio abobados. Ela fixou os olhos em mim, olhou para os rapazes, depois me olhou novamente, e eu tive a impressão de que descobrira a minha façanha. Mas não falou nada. Apenas sorria e esperava, iluminada. “É a primeira vez que recebo flores. Gostei. Pena que não sei quem é o meu *Don Juan*.” Os colegas riram, então também ri. Mas me senti sem jeito. Pensei que tinha rido sem motivo.

Deu o sinal e entramos. Eu estava com uma certeza: ela gostava de receber flores. O meu primeiro impulso foi pensar em enviar-lhe flores novamente. A dúvida era se devia ficar anônimo outra vez.

A sensação de bem-estar não era uma miragem. Eu realmente me sentia leve, envolto numa nuvem de satisfação. Dormi com esta sensação e a noite me trouxe o brilho dos olhos de Carla. Frente a frente sob uma paineira florida, eu senti quão seguro era o nosso amor. Ela movimentou os dois braços na minha direção e pegou as minhas mãos. Foi um momento de eternidade. Na mesma hora tomei uma decisão: falar-lhe de meu amor. Baixei um pouco a cabeça como para encontrar as melhores palavras. Mas não deu tempo. Um trovão muito forte se abateu sobre nós e evaporamos.

O sonho fora um presságio. Eu devia tomar coragem e revelar-me. O encontro devia ser de tranquilidade e simpatia. Eu conseguiria ser simpático. Mas estaria tranquilo?

Cheguei à casa dela no final da tarde. Levava um ramalhete de rosas vermelhas. Ela com certeza ia fazer associação com o ramalhete enviado anonimamente e seus olhos iam brilhar como duas pérolas. Eu me sentia enlevado enquanto esperava por ela na sala.

Recém saída do banho, ela exalava um perfume inebriante de corpo lavado. Parou a alguns passos de mim, olhou-me sorridente e surpresa. “Não imaginava que fosse você.” Eu respondi sem pestanejar: “Sim, eu sou o anônimo que te enviou as rosas vermelhas”.

Ela ficou olhando para o ramalhete em minhas mãos. Parecia esperar que eu as pusesse em seus braços. Mas quedei estático, olhando para ela incrédulo e sem entender a transformação. Onde estavam os olhos perolados de Carla? Onde estavam seus olhos de lua e de sol?

Ingênuo ou atrevido, perguntei por seus olhos coloridos. Respondeu secamente: “Eu uso lentes de contato”.

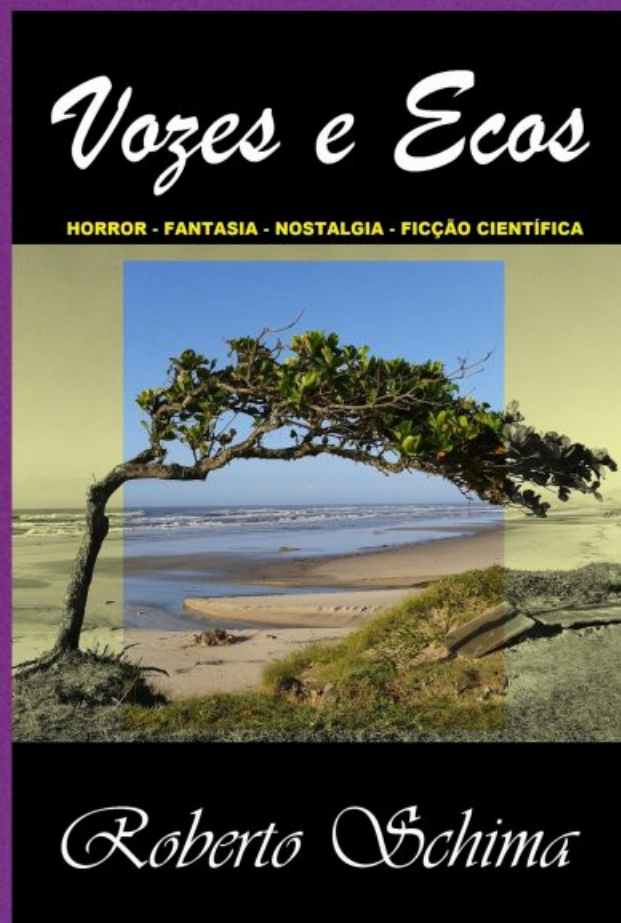
Fiz esforço para parecer natural, sem demonstrar a surpresa da revelação. Mas murchei por dentro. Meu encantamento defenestrou-se.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.



DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO

LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.HTM)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encurtador.com.br/CDTR5)



CONTO
POR MÍRIAM SANTIAGO



AO ACASO

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

...Lá embaixo, sobre o rio de ouro, a canoa derivava velozmente, girando de tempos em tempos sobre si mesma, ante a erupção de um remoinho...

Trecho do conto “À Deriva” de Horacio Quiroga

Entregas pequenas fervilhavam a agenda do farmacêutico David naquela quarta-feira, dia em que ele podia atender seus clientes simplesmente com sua canoa, sem a necessidade de utilizar a outra embarcação maior.

David se mudara para a região Norte há quase 20 anos, após vida estressante em São Paulo, cidade onde se consegue empregos e bons salários, mas tudo a seu preço. Ele conquistou o seu espaço, adquiriu excelente apartamento no Brooklin Novo, automóvel do ano, porém, uma parada cardíaca o fez repensar em uma prática mais saudável junto a natureza.

Optando por deixar para trás o luxo conquistado a muito suor e perseverança, David moldara-se à simplicidade, a refeições mais naturais, a participar da rotina da população amazonense, e aos costumes locais.

Levando à comunidade ribeirinha seu profissionalismo farmacêutico, David se acostumou a navegação hidroviária, único meio de acesso a quase totalidade dos municípios da região, sendo os principais rios navegáveis o Solimões/Amazonas, Negro, Branco, Madeira, Purus e o Juruá.

— Alô, Tânia — chama sua noiva ao celular —, estou partindo para entregas, hoje tenho bem poucas, não devo demorar.

David baixou a canoa ao rio Negro, e com os medicamentos ao banco partiu remando devagar, num ritmo para não se cansar. A cada remada sentia-se feliz com a nova vida que escolhera, mais calma que o fazia saborear cada minuto de sua existência como se fosse um novo dia todas as manhãs, mesmo com a rotina do trabalho.

O homem e sua canoa percorriam silenciosamente o imenso corredor de árvores, que em sua exuberante diversidade, sombras e brilhos das folhas refletidos aos raios de sol tornavam a cena esplêndida!

Era período de cheia – entre julho e agosto – e a maioria das Sumaúmas gigantes – árvore considerada uma das mais importantes da Amazônia, espécie que pode viver mais de 800 anos e chegar até 70 metros de altura – a maioria estava parcialmente submersa, intensificando ainda mais a beleza do lugar. A água densa do rio Negro tornava-se a plataforma perfeita para as projeções das árvores, e a cada balanço da remada, pareciam curvar-se para serem apreciadas.

O encanto daquele divino cenário de cores refletidas na água espelhada do rio reforçou a fé na existência de Deus! O homem maravilhado com tudo aquilo lembrou-se de registrar cada precioso minuto daquele trabalho abençoado.

Tirando do bolso da calça o celular, colocou dentro da canoa os remos, já que a correnteza estava excelente para prosseguir, assim poderia registrar o momento com o leve balanço das águas. Um casal de araras cruzou o céu baixando o voo para perto da canoa, o que fez David se distrair com a beleza do bater de asas em perfeita sincronia das magníficas aves. Ele se virou lentamente para trás acompanhando o gracioso show aéreo dos pássaros registrando vários cliques, e, de repente, foi surpreendido por um tronco de

árvore pendente no rio, que ele conseguiria passar por debaixo abaixado na canoa, mas como estava equilibrado em pé, ao virar-se, se chocou ao tronco fortemente com o peito.

O impacto fez David tombar desmaiado batendo ainda a cabeça no barco, sendo o celular arremessado às águas do Negro. A canoa prosseguiu seu rumo e o farmacêutico foi lentamente voltando a si. Totalmente desorientado com o impacto, já que sangrava, David sentou-se percebendo que o celular sumira, logicamente o perdera ao rio. Tentando entender o que aconteceu o pobre homem olhou as encomendas, remédios que deveria entregar a todo custo.

David pega os remos para assumir o comando do barco, remava bem devagar quando sente uma forte dor no peito, tão aguda que os remos deslizaram por entre os dedos afundando no rio. Ele, que outrora sofreu ataque cardíaco na capital paulista sabia do poder daquela dor, e agora sem os remos e o celular, nada poderia fazer, estava ao acaso.

Lentamente ele acompanhou a paisagem amarela ao fundo fundir-se com a escuridão dum céu estrelado. Em outras épocas, logo que chegou àquelas terras costumava sentar-se à beira do rio para acompanhar a belíssima paisagem do pôr do sol amazonense. E foi assim, numa dessas tardes que conhecera Tânia, sua noiva, que a essa altura já deveria estar preocupada.

— Tânia, meu amor, murmurava David, como isto foi acontecer comigo? Estou agora à sorte nesta canoa, já nem sei quanto percorri, estou exausto, com fome, com dor, sede, com tudo e sem nada a me ajudar!

O homem deitou-se, a dor no peito aumentava e diminuía ao mesmo tempo e também doía muito a cabeça. A canoa, no entanto, prosseguia às águas do Negro até encontrar-se com o rio Solimões, e neste encontro das águas chacoalhou fortemente acordando David. O rapaz esticou a cabeça e viu uma movimentação de embarcações, sentou-se com muita dificuldade e acenou, ao forçar gritos, sua garganta seca e a fraqueza deixaram-no tonto a ponto de tombar e apagar. Quando a canoa se distanciava alguém aponta para o barco; estava salvo!

— Não sei se está vivo, não senti o pulso, vou amarrar a canoa para levarmos ao atracadouro, diz um dos policiais que vasculhavam os rios na ânsia de sua procura.

Assim que chegaram os barcos foram amarrados e a notícia do sumiço do farmacêutico criou grande movimentação de pessoas no atracadouro. Abrindo ala entre as pessoas vem depressa Tânia, que ao ver o corpo do noivo começa a chorar.

— Para trás pessoal, deixe-nos passar, ordena um dos policiais. Tânia se aproxima gritando o nome de David, mas é impedida, e rapidamente o homem é colocado dentro de uma ambulância. Tânia se identifica e vai na viatura com os policiais até o hospital. Ao chegar, uma equipe médica que o aguardava, segue rápido pelo corredor até o centro cirúrgico.

— Sem pulso, rápido, vamos tentar o desfibrilador, ele teve uma parada cardiorrespiratória, vamos restabelecer o ritmo cardíaco. Tentaram duas vezes e nada aconteceu, no frequencímetro, a linha dos batimentos cardíacos continua reta.

Num último sopro de vida David, em sua última memória terrena, a imagem de Tânia aparece como num sonho distante, a linda morena descendente indígena que tanto amou nos cinco anos de convivência, desde a apresentação da moça em uma festa até o

fatídico dia de entrega dos medicamentos, há dois dias, vai se apagando lentamente de seus pensamentos.

Aos gritos e empurrando uma enfermeira, Tânia entra na sala e vê a linha reta dos batimentos cardíacos no monitor. Ao balançarem as cabeças em sinal de “ele se foi”, a moça corre até David gritando seu nome e chacoalhando seu corpo. Chorando Tânia se aproxima do rosto do noivo e o beija desesperadamente o que seria o último momento com seu amor.

Delicadamente a jovem passa a mão no rosto dele e se abraça ao noivo, não percebendo movimentação na frequência do monitor. Ao se aproximarem os médicos com o desfibrilador novamente, David abre os olhos e mexe um dedo, sendo a frequência cardíaca se normalizando.

O rapaz permaneceu internado por 20 dias, após, iniciaria um tratamento cardíaco seguindo nesta segunda chance de vida!

Horacio Quiroga

Baseado na história “*À Deriva*” do escritor uruguaio Horacio Silvestre Quiroga Fortaleza – nascido a 31/12/1878, em Salto, Uruguai, e falecido a 19/02/1937, em Buenos Aires, Argentina – sendo o escritor famoso por seus contos, que geralmente tratavam de eventos fantásticos e macabros na linha de Edgar Allan Poe e Charles Pierre Baudelaire, com temas relacionados à selva, na região de Misiones, na Argentina.

Quiroga trabalhou como jornalista, professor e juiz de paz, mas o maior reconhecimento que recebeu veio de seus contos, destacam-se “A galinha degolada”, “O travesseiro de penas”, “*Decálogo do Perfeito Contista*”, “O filho”, “O homem morto”, “*Contos de Amor de Loucura e de Morte*”, “*Contos da Selva*”, “*Anaconda e Outros Contos*” e “*Los Desterrados*”, entre outros.

Minibiografia da autora

Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. Publicações: “Livro Negro dos Vampiros”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe”; “Mrs. Hyde” e Contos de Terror, da Fábrica de E-books.

Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/>

Contato: miriansssantos@gmail.com

Revista Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

CONTO
POR MÓNICA PALACIOS



E AÍ?

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Estava só, bem... em termos, sempre escutamos que nunca estamos só. Se estás em um jardim ficas rodeada de duendes imaginários e aqueles reais. Até ignoramos a sua origem, mas que nos balançam a alma. Além disso, é só ficar atenta e consegues até participar dos coloridos papos entre flores.

Elas inventam palavras que nós, humanos não conseguimos relacionar e mesmo assim, parecem surgir diversos temas.

Como será que falam quando estão tristes, ou preocupadas... acredito que flor tem consciência de sua essência e não perde tempo com essas emoções.

Tudo isso me levou a pensar quanta variedade de palavras temos a nossa disposição, seria possível abrir um livro, esperar que entrem todas e de pronto... Flash! Fechar.

De noite continuei imaginando o que poderia acontecer com essas palavras presas, se divertiriam muito ou inventariam outras tantas palavras inspiradas por essa escuridão?

Resolvi que amanhã, assim que acordar, pegarei a palavra liberdade, a fecharia numa caixa perfumada, colorida e com uma bela música.

Claro, deixarei passar aproximadamente 7 luas, cinco sols e umas 244 estrelas.

Aguardem... compartilharei com vocês o resultado de insólita experiência.

Me vesti de lilás, coloquei uma camélia no cabelo, sapatos de bailarina e com uma cadência de ballet... abri a caixa e a palavra liberdade não estava, voltei a olhar com mais atenção e nada... achei um sorriso que parecia desenhado com bico de beija flor.

Emocionada, perplexa, confusa, curiosa e até desorientada, não resisti e resolvi continuar com os desafios. Imaginei que se perguntasse a um periodista que palavras precisasse, poderia as esconder dentro de um pacote embrulhado com jornal.

Escolhi o Pascale, Editor antigo do jornal da cidade e disse-me que atualmente sugeriria a palavra: diversidade.

Perfeito, Diversidade, com grandes letras, embrulhada em Jornal parecia muito a vontade. Os braços e pernas esticados e aquele olhar curioso.

Voltei a deixar passar algumas chuvas, tormentas e dos arco-íris.

Acreditam que quando abri o pacote não tinha palavras... nem a palavra inicial? Só apareceu uma folha de trevo azul.

Mais confusa ainda pensei: *a cromoterapia também é uma linguagem* e resolvi pesquisar até descobrir que se o trevo é sorte e além disso é de cor azul nos explica que não há limites, como no céu.

Fico maravilhada com o mundo das palavras, não desistirei.

Imaginam vocês... na praça, no centro cirúrgico, no circo e até na praia tudo o que pode ser descoberto?

Boa sorte.

Mónica Palácios é Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



CONTO
POR SELLMA LUANNY

PASSOS PARA O COSMOS

PARTE V

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Idealizou-se e conseguiu-se avançar num projeto de construção de naves-escudos, lançadas ao espaço entre a Terra e o Sol, as quais possuíam antenas radiais que se abriam além da órbita lunar e antes das órbitas de Vênus e Mercúrio, a serem posicionadas em torno de 37 e meio milhões de quilômetros (cerca de um quarto da distância da Terra ao Sol), chamados conjuntamente de "Tela de Proteção". Suas antenas além de escudos, serviam de captadores de energia solar para o seu funcionamento.

Foi possível levar esta missão adiante graças, já se mencionou, à robótica avançada, e ao cultivo da possibilidade de retorno e manutenção da vida na Terra após a melhoria das suas condições, tornando-a novamente propícia à vida humana e aos ecossistemas sedentos para renascerem ou florescerem.

Com a Tela de Proteção em funcionamento, a radiação do Sol sobre o planeta Terra diminuiu imensa e imediatamente e a temperatura média terrestre gradualmente começou a descer.

As milhares de unidades da Tela de Proteção entre a Terra e o Sol podiam, sob comando, modificar a sua posição de acordo com as condições e necessidades climáticas das diferentes regiões terrestres e eram programadas para acompanhar o movimento da Terra em relação ao Sol. Como as antenas funcionavam como escudo e ao mesmo tempo como baterias solares, a sua utilização era contínua e duradoura, sendo possível substituir quaisquer unidades porventura danificadas pela radiação solar e impactos de pequenos objetos vindos do espaço.

E com o passar de 50 anos, já se via um resultado positivo mínimo mas evidente.

A Tela tornou-se um agente fundamental na melhoria do clima da Terra.

As mudanças de estilo de vida e medidas de proteção do planeta já vigentes há várias centenas de anos, as quais não conseguiam as melhorias necessárias dado a vastidão a proteger e suas alterações, tinham neste avanço tão inovador e bem sucedido, um grande estímulo.

A Tela pela distância da Terra, no início do seu funcionamento, bloqueava cerca de 20% da radiação solar.

Nas décadas seguintes ao início do seu funcionamento, com o lançamento de mais algumas centenas a um milhar de unidades, esperava-se atingir um bloqueio de 30 a 40% da luz solar em direção à Terra. Apesar das naves-escudos agirem em conjunto, elas podiam modificar individualmente a angulação de acordo com as necessidades observadas e controle da missão.

E com o avanço imparável da Ciência e, por conseguinte, da robótica física e inteligente ("artificial"), já não havia impedimentos para a progressão da colônia e restauração do equilíbrio terrestre.

Os contínuos investimentos na correção dos descontroles das alterações climáticas e reposição das necessidades do planeta Terra vinham então principalmente do espaço.

Ambos os procedimentos exigiam progresso e resiliência ininterruptos e dependiam da ligação harmônica humano-robótica e da determinação de sempre avançar.

A finalidade última da própria humanidade que iniciou todo esse processo era a da preservação da própria espécie.

Mas a restauração dos meios terrestres seria uma garantia mais sólida de um futuro inabalável, nos próximos milênios, desde que se conseguisse reverter e manter o equilíbrio no planeta, devido a interdependência de todos os seres vivos e com os seus ecossistemas.

Milhões de anos já seria uma visão um tanto remota. O progresso certamente acompanharia as necessidades do planeta, sempre sujeito a catástrofes naturais – principalmente locais como supervulcões, terremotos com grandes maremotos e variações da órbita terrestre.

Até lá, se a humanidade atingisse um nível estelar e mesmo galáctico de avanço, provavelmente conseguiria dominar o clima e possíveis catástrofes planetárias e estelares.

A forte ligação e até dependência emocional com o planeta Terra mesmo para os descendentes dos Marcianos, era um reflexo dos desejos e sonhos dos primeiros humanos a trabalharem por uma migração reversa.

Um retorno futuro à Terra seria então o objetivo mais gratificante a ser conquistado.

II

E trabalhou-se arduamente para se atingir estas aspirações que se iam solidificando graças aos avanços atingidos.

A robótica era incansável e imparável no seu desenvolvimento e dedicação. Com a sua replicação melhorada, com avanços na sua complexidade, geria praticamente todas as atividades cotidianas. Eram deixados aos humanos, os seus estudos incluindo a filosofia, arte, lazer e a parte social e, é claro, qualquer projeto inovador e de valor que lhes surgisse, com a prioridade caindo sobre a Ciência.

Cabia aos cérebros mais privilegiados, maior interação com a robótica, para despertar e solidificar quaisquer avanços importantes e necessários a um futuro mais sólido.

Na primeira centena de anos do quarto milênio (ano 3.000 ao 3.100), a colônia continuava a cumprir inabalavelmente, os seus propósitos.

E a Terra, com a proteção gradual e controlável da radiação solar, dava sinais de um paulatino melhoramento.

Era evidente que uma recuperação total levaria centenas de milhares a milhões de anos, em termos naturais.

Mas com a ajuda ativa da ciência desenvolvida pela relação humano-robótica, este processo poderia ser acelerado.

III

A humanidade precisou "expulsar-se" do planeta de origem, viver numa colônia restrita em um planeta inadequado para a plena liberdade de um ser inteligente e acostumado a extremos de prazer, para então enxergar e sentir todo o desconforto e até sofrimento, sem direitos a reclamações, e estender este enorme sacrifício às gerações nascidas dentro deste contexto.

Tudo isso a empurrou para tomar a iniciativa de trabalhar com afinco na tentativa de "pagar" pelos males que ela própria havia causado e, numa estimativa calcada nos avanços atingidos, estabilizar e até reverter a degradação terrestre.

É sabido que nunca faria o bastante ou o suficiente para redimi-la das catástrofes e extinções que causou, mas como nada é perfeito — muito menos o ser humano —, era o princípio da aquisição de um nível mais adequado e elevado por uma espécie inteligente interplanetária que se esforçava e primava nas ações de recuperar o que há cerca de 1000 anos achava-se irrecuperável.

Houve uma época na colônia (em torno do ano 2.900) de grandes conversações e debates, sobre o futuro da humanidade: investir mais na progressão pelo sistema solar e além ou trabalhar para a recuperação da Terra, com possível migração reversa nos próximos milênios(?).

Optou-se por trabalhar rumo às duas fronteiras. Afinal, se uma falhasse ou se mostrasse definitivamente além da capacidade humano-robótica num futuro de milênios à frente, o outro caminho proveria uma saída.

E assim fora feito. É de salientar que com o avanço científico e a indiscutível capacidade criativa humana, nenhum dos dois caminhos parecia impossível.

Pelo contrário, trabalhava-se bem nas duas direções.

(Nota de rodapé: quinta parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes a serem lançadas mensalmente, nesta revista)

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, **Sellma Luanny** são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lysitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Você escreve?

Descubra chamadas para
publicação e concursos
literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero



Prazo



Prêmio



Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POESIAS AO VENTO

VOL. VIII



E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

POESIAS AO VENTO



VOLUME VIII

saiba mais: clique aqui

ERRATA

MOREIRA, Max. Ensaio Comparado entre o Auto da Compadecida e o Castigo da Soberba. 2024. 08 f. Revista Conexão Literatura – N° 103. p. 26 – 33, Janeiro de 2024.

Página	Linha	Parágrafo	Onde se lê	Leia-se
28	5	1	1989	189
32	7-8	2	n'O Castigo da Soberba	no Auto da Compadecida



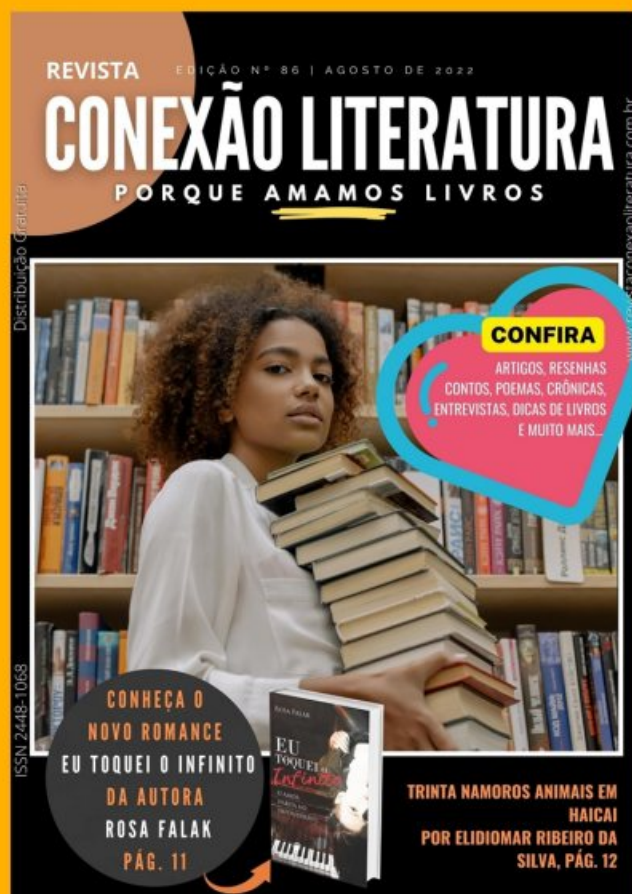
errata

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

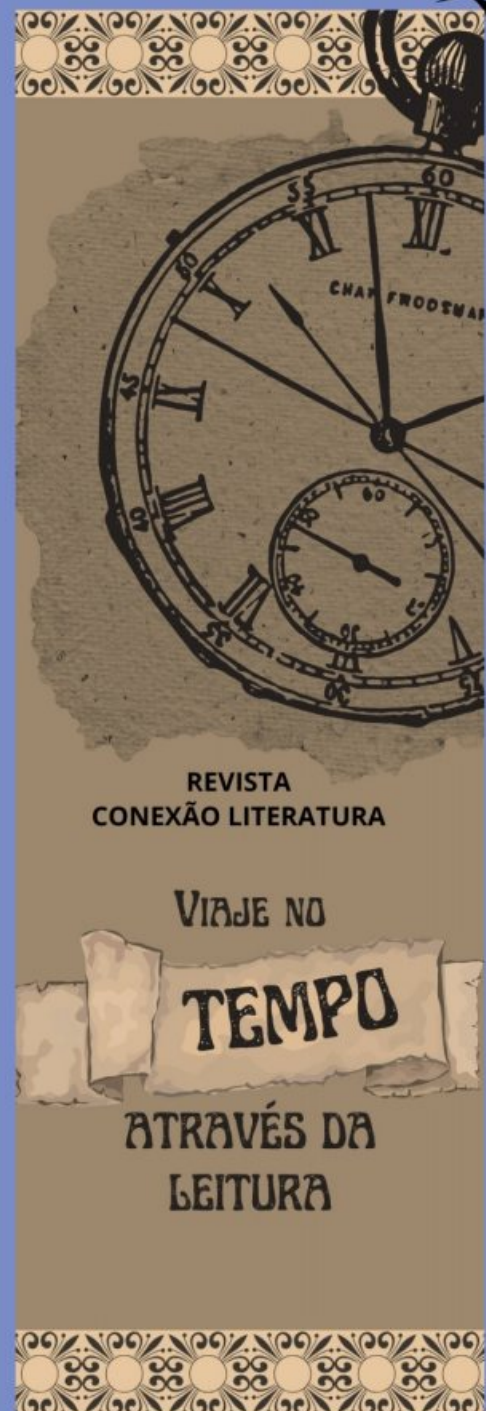
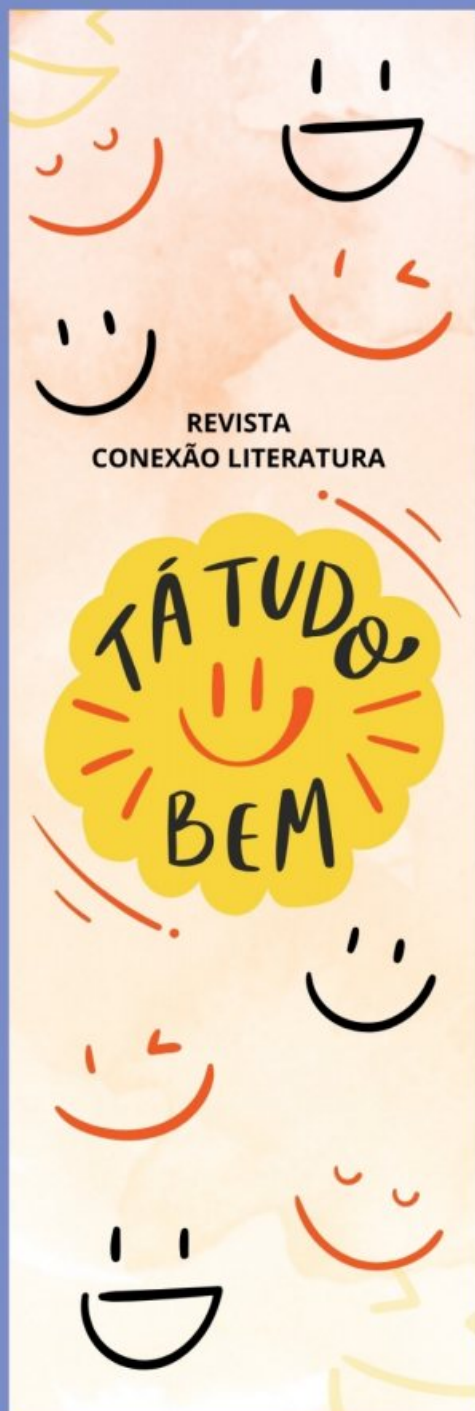
INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se

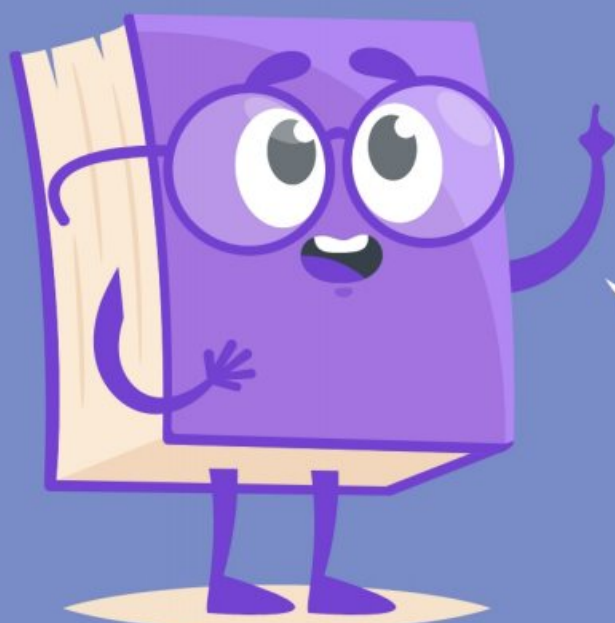


acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



Um presente da Revista Conexão Literatura



Marcadores para
imprimir
e recortar!



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

• CÃO • ATENÇÃO • ATENÇÃO •



AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2024

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+759 MIL +116 MIL + 4 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livreria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.04.2024

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd